

Leopoldo Miguel de Sousa Louro Cruz, Sousa Louro por parte da mãe e Cruz por parte do pai, nasceu em 30 de Novembro de 1955, na Póvoa de Varzim. É o mais velho de quatro irmãos, dois rapazes e duas raparigas; o pai era funcionário das finanças e a mãe era professora primária na escola de Amorim, residindo em Averomar. Fez a sua instrução primária em Braga, na escola de S. Lázaro e os estudos secundários no Liceu Sá de Miranda.

Em 1952, o I Salão de Arte Fotográfica foi organizado pela Confraria do Bom Jesus do Monte, de 24 de Agosto a 7 de Setembro, com atribuição de prémio em Categoria Artística e Prova Documental.

Em 1953, sob o patrocínio da Câmara Municipal de Braga, de 7 a 24 de Fevereiro, organizou-se o I Salão de Arte Fotográfica, em que participaram fotógrafos como: António Augusto de Barros, Arcelino Augusto de Azevedo, Fernando Alves, Fernando Oliveira Gomes, Francisco Correia de Carvalho, Helder Vidal Teixeira, João Gonçalves Salgado, João Guimarães, José Maria Ferreira Ramos, José Cristóvão Dias, José Maria M. S. Domingues, Manuel Augusto Coelho, Nunes da Silva, Rogério Peixoto, Sílvio Teles. Em 1955, o I Salão Nacional de Arte Fotográfica, em Braga, foi organizado pelo Clube de Cinema de Braga, integrado nas festas da cidade.

Actualmente, Miguel Louro é médico, assistente graduado de Clínica Geral do Centro de Saúde de Braga, extensão de Sequeira, com o grau de consultor. Depois de residir durante muitos anos em Braga, construiu casa na freguesia de Tebosa, nos arredores, portanto, para quem sai em direcção ao Porto.

A 1ª máquina fotográfica foi seu pai quem lha deu, era um «caixote», palavra que diz tudo para quem está familiarizado com o vocabulário da arte.

Aos 10 anos tirei a minha primeira fotografia. Usei a câmara "Instamatic" de meu pai e fixei a família na Quinta, em Real, com a casa na retaguarda, como fundo: o pai, a mãe, as irmãs, o irmão pequeno e os caseiros. No Liceu, a máquina foi emprestada por um amigo de infância. Retratei os colegas e a escola.

A 2ª já foi um tio vindo de Angola que lha ofereceu, era uma «Penguin» e está no seu museu particular, já agora acrescenta-se, muito bem fornecido de exemplares para uma história da fotografia, alguns raros e quase todos muito valiosos, que se expõe em lugar específico da casa num mobiliário característico e cuidadosamente recuperado de uma farmácia pública muito conhecida. A ideia de concretizar uma colecção de máquinas e de outros documentos sobre a história da fotografia, começou no Porto, mas foi decisivamente influenciada por Taveira Veloso, advogado, fotógrafo e amigo.

Aos quinze anos, começou a acompanhar o vizinho, o advogado e fotógrafo amador, Mário Taveira Veloso, já falecido, que o levava nos seus passeios turísticos e viagens de trabalho ao Gerês. O convívio estreito com este homem acabaria por envolver Miguel Louro na gestação e organização do projecto denominado AFCA (associação de fotografia e cinema amador de Braga), projecto no qual acabou por assumir funções directivas, sempre com um devotado perfil de animador cultural, mas do qual acabou por se afastar em situação de divergência teórica ou de perspectivação de funções da associação, salvaguardando contudo a permanência de relações amistosas com todos.

no princípio havia uma «máquina» em casa...

Fica devedor a seu tio, o historiador Vitor de Sá, pelo enraizamento de um imaginário de valores democráticos e solidários, um fundo de alma que se mantém vivo e norteador de acções no quotidiano. Vitor de Sá é seu tio, por se ter casado com uma irmã da sua mãe, tia já falecida, que foi a mãe de Victor Louro e Osvaldo Louro de Sá, seu primo direito, o herdeiro da famosa «Livraria Victor», hoje «Livraria Osvaldo Sá», ali na antiga Rua Eng^o Arantes de Oliveira, agora Rua 25 de Abril, que tinha uma galeria de exposições na parte superior (Galeria LV) e onde, aliás, Miguel Louro realizou a sua primeira exposição de fotografias, em tema livre.

Em 1972, o pintor Mário Silva expôs na Galeria da Livraria Victor, que também se identificava como «Centro Cultural do Minho». Miguel Louro, então com 17 anos, herdou alguns catálogos dessa exposição com desenhos do pintor. O caso refere-se porque faz parte das circunstâncias em que um homem mais tarde se recorda e se situa: «O rei está a morrer» - assim se iniciava um texto de António Rebordão Navarro expressamente redigido para a exposição do pintor. A citação retomada de Ionesco constituía bem uma parábola sobre o tempo anterior a Abril, ainda que o crítico a perspectivasse para sintetizar todos os tempos em que o homem se descobre autor da sua própria morte e redentor de si mesmo e do seu tempo. Mas o mote ficou: descobrir lugares, situações, pessoas, atmosferas, casos, pormenores, que fossem reveladores da morte e da ressurreição do Homem. Na fotografia, o preto e o branco, a escuridão e a luz, constituíam-se como geradores de uma linguagem sempre em expansão. A fotografia depressa ficou atravessada por linhas críticas que se estruturavam em redor desta pulsão ou tensão entre a morte e a vida.

Acabados os estudos secundários, a média para entrada na Universidade precisou de revisão, daí o ano de 74 ter sido para repetir a disciplina de filosofia e outros exames para melhoria de nota; o tempo livre sobranste foi gasto num curso de fotografia na Escola Calouste Gulbenkian, então escola de artes, com o pintor Nuno Barreto, que já fora seu professor no Liceu Sá de Miranda. Inevitáveis foram as fotografias de rua e na rua, a seguir ao 25 de Abril, como inevitável foi também o cumprimento do serviço cívico no ano de 1975, ano em que o professor de fotografia foi Providência e Costa (regente agrícola, já reformado).

Em 1976, entrou na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.

Em 76, apareceu o grupo IF (Ideia e Forma), formado por um conjunto de fotógrafos, os seus ídolos da altura, que teve uma influência decisiva em Miguel Louro, sobretudo através de João Paulo Sotto Mayor, não só pelos seus trabalhos, mas também por muitas horas passadas em conjunto no laboratório deste, a aprender os passos da revelação. «Gentes da Apúlia», uma das suas primeiras exposições individuais temáticas, por exemplo, foi impressa no laboratório de João Paulo, um mestre decisivo. O grupo IF era constituído por João Paulo Sotto Mayor, José Carlos Príncipe, José C. Marafona, Luís de Sousa Abrunhosa Vasconcelos, Manuel Magalhães e Manuel Sousa.

Aprendiz de uma arte por impulso, cedo a quis assumir pela eficiência e pela acreditação estética, procurando os caminhos da autoformação e os da interformação. Foi com estes objectivos que em Lisboa, na companhia de Tavela Veloso, frequentou a

Firma F. Costa da Filmarte, à Rua Garrett, onde aperfeiçoou as técnicas da impressão e da esmaltagem das fotografias a cores e a preto e branco. As suas primeiras boas fotografias, na sua revisão das etapas de uma aprendizagem ainda hoje progressiva, foram impressas nestes estúdios do «Costinha», que era como os fotógrafos tratavam o proprietário daquela firma.

«Quando nos apaixonamos por uma arte, temos que dar tudo... É necessário continuar a trabalhar, evoluir, fazer novas pesquisas, não parar...» - disse e recomendou-lhe Providência e Costa, em 1978. Estabeleceu e cultivou as relações de amizade com o grupo EFEPONTOSETE, entre 1979-82, com José A. Alves, Manuel de Sousa e Andrade Ferreira. E também com o GRUPO 4, com Gaspar de Jesus e Pereira de Sousa, em 1980.

Em tempo de balanço, a memória de Phillippe Saalum, das suas relações de amizade, que conheceu em Coimbra nos segundos Encontros da Imagem e que se atreve a considerar o melhor impressor a preto e branco, deixa-o suspenso numa observação crítica dos seus próprios trabalhos:

Formei-me como médico em tempo inteiro de ofícios, os mesmos que agora continuo: antes, estudar e fotografar, agora exercer, estudar e fotografar. Acrescentei-lhe um outro, o golfe, desporto em que os pontos de vista e as perspectivas da distância são sempre reguláveis. Curo e procuro, num esforço de abertura e de dedicação aos outros, mas também aos objectos fotografados, às realidades transferidas pela máquina, aos climas de entendimento do mundo e de nós, de mim, por isso mesmo.

Sócio fundador da AFCA

É o sócio n.º 710 da Associação Fotográfica do Porto, desde 1/01/1978.

É o sócio n.º 19004 da Sociedade Portuguesa de Autores.

E é sócio da Sociedade dos escritores e artistas médicos.

Dividido entre a medicina e a fotografia?

*«Não faço distinções. Realizo-me totalmente como clínico e como fotógrafo. Como médico, e seguindo, talvez, o exemplo do meu avô, que foi um médico distinto da cidade de Braga, dedico-me de alma e coração aos meus pacientes; como fotógrafo, dou largas, por um lado, à minha espiritualidade, por outro, descontraio-me das realidades às vezes bem duras e dramáticas da vida de um médico, relaxando, não com medicamentos, mas empunhando a câmara fotográfica...» (Entrevista à revista *Universo Bayer*, n.º 3, Maio 1998)*

Resumamos o percurso fotobiográfico: a curiosidade pela fotografia concretiza os desejos ocultos da manipulação do corpo, favorecendo a ampliação dos sentidos, sobretudo o da visão, já que as mãos são aproveitadas pela vista para fazerem disparar os seus movimentos instintivos de ver mais, de ver melhor, de ver diferente, com os seus contrapontos negativos de ver menos e de esconder mais. Porque se fotografar é revelar, inevitavelmente também é esconder, ocultar, retirar do campo de visão. A companhia e a influência dos amigos alimentou «o bichinho» interior, favoreceu-lhe a frequência de «nichos» produtivos, deu-lhe visibilidade social. Que não se vejam os fotógrafos, nem este, fora do bulício da vida, fora dos jogos amorosos, fora dos sarilhos do humano demasiado humano.

Foi meu pai, o seu engenho e a sua arte de pintor a óleo e a aguarela, quem me formou a sensibilidade. Tentei a mesma profundidade dos gestos com a máquina fotográfica.

A fotografia inicial, a da família, contém a chave de um percurso: o fotógrafo define um objecto e este objecto, a família, olha-o de frente, no convencimento interior de que ele saiba fixá-la na plenitude dos seus olhares, com o merecimento de lhe terem confiado a máquina.

Não deixa de ser sintomático, cento e setenta anos depois das primeiras invenções fotográficas, que encontremos nas histórias individuais um fio condutor dos designios da Fotografia, como que a garantir que a narrativa do sujeito individual confirme os passos da narrativa da espécie que garantiu a sua sobrevivência em tal ambiente de captação de imagens: a fotografia surge como o recurso imprevisto a que se deitou mão, para influência imediata e profunda sobre o nosso mundo, tirando o maior e o melhor partido da sua rapidez e da sua precisão, para nos mantermos ligados àqueles que amamos. (O parágrafo decorreu da leitura da *História da Imagem Fotográfica em Portugal – 1839 -1997* - de António Sena, Porto, 1998, pp. 38-40, páginas que dedica à primeira publicação portuguesa sobre fotografia, citando um texto de P. K. Coentim, *Resumo Histórico da Fotografia*, Lisboa, 1852. O tempo passou e parece ter confirmado as mesmas histórias dentro da história da fotografia).

um itinerário de provas e lugares de exposição 1970 - 1979

Foi no início dos anos setenta que Miguel Louro iniciou a sua participação nos ambientes então muito promovidos e concorridos dos «Salões de Fotografia». O 1º Salão Nacional de Fotografia de Braga, promovido pela AFCA, em Junho, traz-lhe ainda hoje gratas recordações e vale na sua memória como "prova de revelação". A gestação e fundação da AFCA (Associação de Fotografia e Cinema Amador de Braga), de cujo número de fundadores e membros aderentes se considera parte, tornou-se para Miguel Louro um campo riquíssimo de experiências e de relações humanas, um ambiente propício e propiciador de aprendizagens, mas também de algumas frustrações, ou não revelasse esta associação os problemas crónicos de qualquer outra do género: definição de estratégias, mobilização de associados e pagamento das quotas.

Foi no 2º andar do edifício do Turismo, em 1970, que, liderada por Taveira Veloso, se juntou uma equipa de voluntários para ir ao Registo Civil lavrar a escritura da fundação da associação. Também foram fundadores Firmino Ribeiro, a trabalhar na Seguradora Bonança, Calheiros, bancário, do BNU, já falecido, Romeu Maia, quadro da Segurança Social, já falecido, Maurício, que trabalhou na secretaria da Casa de Saúde de S. Lázaro, já falecido, Rogério Peixoto, bancário.

Nos primeiros tempos da AFCA assisti às reuniões e tomei parte em aspectos da organização das actividades. Mas só em Março de 1982 fui eleito como Vice-presidente da lista proposta pela direcção cessante, que tinha Carlos A. M. Machado como presidente. Em Abril deste ano, a Direcção da AFCA fazia um apelo bairrista a todos os associados, lembrando-lhes os deveres e as condições de perda de qualidade de sócios, pois o problema principal da associação girava em torno das quotas, que continuavam na altura a ser de 20\$00/mês, o que ainda «viabilizava» os compromissos assumidos, valor que vinha desde a fundação; para motivar os associados a regularizarem as suas quotas, a minha direcção propunha-se colocar uma «pedra» nas quotas muito atrasadas, bastando aos retardatários liquidar o ano civil anterior e os dois primeiros meses do ano em curso. «Fomentar e incentivar a criação de novos praticantes, ou núcleos de cineastas, prestando-lhes colaboração e assistência possíveis, programar, produzir e estimular a realização de filmes, são objectivos preconizados pela AFCA a que se deve dar cumprimento», declarava a Direcção na circular n.º 3.

De certa forma, pelo convívio com alguns dos organizadores, assistiu à preparação e ao cumprimento do 2º Salão Nacional de Fotografia de Braga, de 22 de Junho a 4 de Julho, no âmbito da AGRO 71, IV Exposição-Feira Agro-Pecuária do Norte.

Quem percorrer os parques e nem sempre datados documentos então elaborados pelos organizadores dos eventos, encontra indícios e provas suficientes para se aperceber dos desígnios da fotografia ao longo do regime do chamado Estado Novo, podendo já vislumbrar, no início desta década, o afloramento de novas perspectivas e de um maior comprometimento da arte fotográfica com o país real.

Sirva de exemplo este 2º Salão, sobre cuja exposição de fotografias, subordinada ao tema «Paisagem Rural - O Homem e o Campo», o responsável pelo Gabinete Coordenador das Actividades Culturais, em nome da Comissão Executiva, sugeria, no prospecto de informação, os sentidos que a "leitura" das fotografias expostas poderia desencadear, acautelando que não se tomassem como «evocação histórica com justos ressaibos de

enternecedor saudosismo, nem tampouco simples e despreziosas imagens vencidas pela mecanização...», mas que se vissem antes como o «... princípio elementar e dinamizador, o ponto de partida para toda uma política de reconversão agrícola que se impõe seja cumprido no mais curto prazo.»

1975

1ª exposição individual: tema livre

Começou o ano com a frequência de um curso sobre iniciação à fotografia, na Associação Académica de Coimbra, durante uma semana.

Também em Janeiro, no 1º andar do edifício do Turismo, em Braga, participou com 10 trabalhos no 1º Salão de Fotografia Inter-Sócios da AFCA, era então presidente da direcção da Associação o advogado Mário Taveira Veloso. Esta exposição esteve também em Guimarães e depois, de 15 a 28 de Fevereiro, mostrou-se na Galeria Blow-Up Foto Cine, no Porto.

Data deste ano a sua primeira exposição individual. Foi inaugurada na Galeria da Livraria Vitor, no 1º andar, a famosa galeria LV, em Braga, em Outubro, mês em que os alunos das escolas aproveitaram para verem na livraria outras imagens misturadas com os livros escolares. Em tempo de Revolução acelerada, esta exposição teve um episódio curioso a marcá-la: uma das fotografias expostas (que num certame estrangeiro fez circular com o título de "Gipsy Witch Woman") revelava uma importante e conhecida rainha cigana, "revelação" tabu para esta etnia, o que desencadeou algumas discussões. Ainda hoje vale como experiência de interrogação sobre os limites à espontaneidade impulsiva de um fotógrafo!

1976

De 21 de Fevereiro a 6 de Março, a AFCA divulgou, no ciclo dos grandes fotógrafos mundiais, o 4º fotógrafo, o búlgaro Dimiter Sibirsky.

«A Associação Cultural de Fotografia e Cinema Amadores de Braga presta homenagem ao artista que foi Arcelino Azevedo, em 8.05.1976», com descerramento de placa no Café A Brasileira.

Miguel Louro, na qualidade de secretário da AFCA, colaborou na organização desta exposição sobre Arcelino, com trabalhos do notável fotógrafo bracarense, já falecido, a qual se apresentou na Biblioteca Pública de Braga.

Quanto a concursos, salões, certames e prémios, Miguel Louro, durante este ano:

- Participou no Salão Nacional de Fotografia sob o tema «A Água», cuja exposição decorreu entre Julho e Dezembro, obtendo o Troféu de Bronze.
- Participou também no III Salão de Fotografia, I Internacional, da Caixa Geral de Depósitos.
- Foi-lhe atribuído o prémio «Costa Verde» no V Salão Internacional de Fotografia do Mar, do Clube Naval Povoense, ao trabalho "Sargaceiros I".

1977

- Concorreu ao 3º Salão de Arte Fotográfica, Algarve Photo Salon, em Silves, efectuado pelo Rascal Clube;
- Esteve presente na 3ª Bienal Internacional de Fotografia, no Porto;
- Participou com vários trabalhos na exposição do Núcleo de Cineastas Amadores da Philips (50 anos em Portugal);
- Participou no II Salão Nacional de Fotografia Costa Verde, de Espinho;
- Participou no II Festival da Primavera, com tema "A criança", em Oliveira de Azeméis, de 25 de Maio a 12 de Junho, uma organização da Associação Recreativa e Cultural de Oliveira de Azeméis;
- Participou no I Salão Nacional Fotográfico de *O Lar do Comércio*, com o trabalho "Homem ao Mar";
- Participou no certame do Centro Cultural e Desporto CERVISUL, de Faro;
- Participou na exposição do Centro Revolucionário Mineiro "Pelo Poder Popular", em 22 de Maio, em Setúbal;
- Participou no Salão Internacional Grupo Desportivo da CUF, no Barreiro.

Quanto a prémios:

- Recebeu um na 1ª Exposição de S. Pedro da Cova;
- Foi-lhe oferecido outro pela cidade belga de Huy, devido à sua participação no concurso fotográfico organizado por ocasião das festas daquela cidade;
- Recebeu duas menções honrosas pela classificação em 2º lugar, no I Concurso Fotográfico do Ginásio Clube de Chaves, com as fotos "Galinheira da barba rija" e "Pum III";
- Obteve dois primeiros prémios no 1º Concurso Fotográfico do Ginásio Clube de Chaves, um no tema «Desporto Amador» e outro em «Fotografia Livre».

2ª exposição individual: gentes da Apúlia

Em 28 de Agosto deste ano e para durar até 6 de Setembro planeou uma exposição temática sobre «Gentes da Apúlia» para o salão paroquial da freguesia. Esta exposição acabou concretizada em taipais da construção civil, com denúncia pública, em cartaz, das razões que lhe negaram o espaço prometido: o pároco e os seus familiares mais chegados tomaram o fotógrafo como «comunista» perigoso, familiar de outros ainda mais conhecidos, como era seu tio Vítor de Sá. A exposição na rua foi por sua vez documentada nos jornais e lamentada, mas acabou, por razões de segurança diária, na Estalagem do Rio em Ofir, onde as pessoas puderam de facto apreciar as imagens do quotidiano marítimo de «*sargaceiros valentes, duros e de pescadores destemidos*», como escreveu o autor da exposição no verbete divulgador da mesma, acrescentando do coração que esta exposição não era senão uma «*humilde e pequena homenagem à Gente da Apúlia, em troca de tudo aquilo que nestes anos de franco, sincero e são convívio...*» recebeu da população marinha.

- Em 30 de Outubro esta mesma exposição «Gentes da Apúlia» mostrou-se na Torre de Menagem, em Braga;
- Em 1978, de 2 a 12 de Maio foi montada na Associação Fotográfica do Porto.

«A sua fotografia denota sentir, humanidade e realismo. Não é mórbida, tão-pouco preocupadamente social-política. É, por isso, aberta. Percebe-a uma criança. É, numa palavra, sensibilizante. E tem

a sua - que só é sua - sensibilidade, e a sua arte aplicada, e os seus ângulos e, tanto mais, a sua intenção»-escreveu Taveira Veloso, em 4.6.78, a propósito do trabalho sobre as Gentes da Apúlia.

- De 18 a 25 de Julho esteve exposta no edifício Chiado, em Coimbra, integrada na semana cultural do FAOJ;
- De 15 a 31 de Agosto foi inaugurada no edifício do Turismo da Póvoa de Varzim, com o título «Gente do Mar»;
- Em 1979, de 17 a 23 de Fevereiro, foi apresentada no Real Club Náutico de Vigo, tendo passado depois para o Centro Português de Vigo;
- De 6 a 30 de Abril foi inaugurada na Associação Portuguesa de Arte Fotográfica, em Lisboa.

«Já lá vai um rol de anos que me desloquei a Braga, no intuito de observar "in loco" a arte fotográfica de Miguel Louro. Nessa altura eu tinha também a paixão da fotografia; por isso, o meu interesse em ver tal exposição era enorme, sabendo, de antemão, que o artista utilizava técnicas que me iriam deslumbrar. Acabei por dar por bem empregue essa minha deslocação à cidade dos Arcebispos. O tema da exposição era «Os sargaceiros da Apúlia» e, logo, logo, fiquei preso pelo preto e branco das belíssimas imagens que, tão transcendentemente, foram captadas pelo fotógrafo, num registo documental que, no futuro, os vindouros hão-de agradecer-lhe. Eram criações artísticas de elevado mérito, num conjunto que deveras me impressionou.

De chofre, perguntei: como foi possível obter estas maravilhosas fotografias, sendo certo que a beleza do efémero estava ali tão admiravelmente retratada? A resposta não se fez esperar, causando em mim uma maior admiração pelo artista: "Tudo resultou das idas à Apúlia durante vários fins de semana, onde chegava por volta das seis da manhã, na esperança de encontrar o amanhecer ideal que me tocasse a alma."

Nunca irei esquecer estas palavras que provam, à saciedade, que este artista da fotografia quis recolher, o mais fidedignamente possível, o arrojado e hercúleo mister daquela laboriosa gente, com a luz que melhor espelhasse o esforço de uns e de outros. E foi assim, deste modo, tão sublime quanto talentoso, que os sargaceiros da Apúlia ficaram eternizados, pela objectiva e pela rara sensibilidade de um artista de eleição.» - escreveu Eduardo da Costa Soares, em Setembro de 2000.

Estas palavras da memória pessoal e amiga de Eduardo da Costa Soares transportam em si um "fôlego de ingenuidade" muito gratificante, sobretudo por espelharem uma coexistência de sentimentos ligados à arte da fotografia, concebida enquanto "estado de alma", enquanto paixão que se espera seja favorecida por golpes mágicos da luz, num dia, numa manhã, num minuto, num segundo, enfim, num momento de génio (como quem aguarda a confluência de todas as forças cósmicas na pureza do gesto infantil de fotografar a família).

1978

Já quase viciado em "salonismo", movimento que depressa ganhou um ar de família, Miguel Louro:

- Esteve presente no 2º Concurso de Fotografia da ARCA, em Julho, em Oliveira de Azeméis;
- Concorreu ao 3º Salão de Arte Fotográfica de Coruche;
- Participou no II Salão Fotográfico e I Ibérico de O Lar do Comércio;

- Concorreu mais uma vez ao 4º Salão de Arte Fotográfica, Algarve Photo Salon do Rascal Clube de Silves;
- Participou no concurso da Secção Cultural do Grupo Desportivo de Azambuja;
- Participou no VI Salão Nacional, 3º Ibérico de Arte Fotográfica, na secção fotográfica do Clube dos Galitos de Aveiro, em Outubro, tendo apresentado 3 trabalhos;
- Participou no Prémio Internacional da Fotografia Ciudad de Soria, organizado pela Sociedad Fotografica Alto Duero.

António Sena (1998), na sua obra *História da Imagem Fotográfica em Portugal – 1839-1997*, Porto Editora, Porto, ousa considerar que o peso institucional do movimento salonista se faz ainda sentir na política de apoios ou de incentivos à fotografia: «Desde 1932 que se apoiam toda a espécie de festivais, concursos e salões, sem qualquer critério selectivo. A "promiscuidade" do meio fotográfico, já de si pequeno – fotógrafos, júris, comissários, galeristas, comerciantes, directores, secretários, ministros, presidentes e jornalistas -, na "boa" tradição salonista, mantém-se;» - p. 12

Em matéria de prémios, neste ano

- Obteve o Diploma de participação no certame do Grupo Desportivo dos Empregados do Crédito Predial Portugêus.

Passa a constar no seu currículo qualquer coisa como «Assistente do Departamento de Diaporamas» da empresa de publicidade **publitrofa, lda.**, um gancho ou contrato de rendimentos episódicos, mas indutor de experiências noutros campos, como a de vir a fotografar os 10 anos da **Mako Jeans** da Troia. Se uns trabalhos puxam outros, o "quem conhece quem" acaba por ser determinante na arte de fazer disparar um "clic". No Verão de 78, Miguel Louro trabalhou como repórter fotográfico para a *Portuguese Export*, empresa com sede no Shopping Brasília, tendo fotografado o Algarve para promoção turística nas revistas anuais do Turismo e tendo elaborado e montado um diaporama para a mesma finalidade.

Neste ano, na sua terra natal, a Póvoa, Miguel Louro montou e depois desmontou a exposição temática "O Mar e Suas Gentes", juntando outras provas às provas fotográficas, num desempenho do tipo "faz-tudo".

«Venho à presença de Vª Excª agradecer, muito penhorado, a valiosa colaboração que nos prestou na realização da mostra fotográfica "O Mar e suas Gentes", possível exclusivamente pela sua acção pessoal, quer na obtenção de trabalhos de fotógrafos conceituados, quer na montagem e desmontagem da exposição e ainda na elaboração do catálogo.

A exposição constituiu assinalável êxito, tendo ficado ligada à inauguração das novas instalações do Posto de Turismo e às festas de S. Pedro 1978.» - assim lhe agradeceu o Presidente da Comissão Municipal de Turismo da Póvoa de Varzim, o professor Filomeno Afonso Terroso, em carta de 21 de Julho deste ano.

1979

Miguel Louro, enquanto estudante de medicina, envolveu-se nas actividades associativas de alma e coração, dedicando-se à sua dama, a fotografia. Assim, no âmbito do departamento fotográfico da Faculdade de Medicina do Porto, organizou, de 24 a 30 de Abril deste ano, participando também com 6 trabalhos, uma exposição colectiva, com a finalidade de incentivar outros estudantes. Entre outros, ainda recorda que nesta exposição

esteve com o Manuel Cime de Carvalho e o José Manuel Calado. No prospecto publicitário da mesma, Miguel Louro desafiou os seus colegas: «...olha, vê, não és menos que os outros, pega na máquina e dispara, vê o que fizeste, autocrítica-te fazendo o melhor possível e vem-nos mostrar».

79 foi o ano em que o **Anuário Português de Fotografia** publicou a 1ª fotografia de Miguel Louro, acontecimento que a memória regista com aquela pontinha de orgulho dos iniciados. Sabe sempre bem!

Também neste ano, integrou uma exposição colectiva, na Galeria Bar do Porto, com João Paulo Sotto Mayor.

- Em termos de concursos e de participações em certames,
- esteve presente em «Man and Sea», The 10th International Triennial Exhibition of Photography, que aconteceu em Zadar, na Croácia e em cujo catálogo foi publicada uma fotografia de sua autoria, "Beautiful Sea";
 - concorreu ao Ano Internacional da Criança, em Pampilhosa;
 - voltou ao III Salão Nacional Fotográfico e II Ibérico *O Lar do Comércio*;
 - e foi também ao III Salão Nacional de Fotografia de Braga, em Abril;
 - concorreu ao 6º Salão Nacional, 3º Ibérico de Arte Fotográfica de Aveiro;
 - e regressou ao 5º Salão de Arte Fotográfica, Algarve Photo Salon;
 - participou na IV Bienal Fotográfica da Associação Fotográfica do Porto;
 - tomou a concorrer ao Prémio Internacional da Fotografia Ciudad de Soria, organizado pela Sociedad Fotografica Alto Duero, em Outubro;
 - e foi ao V Salão Internacional de Arte Fotográfica.

Recebeu prémio no I Concurso de Fotografia do Inatel da Guarda, sob o tema "A Criança", com o trabalho «lado a lado».

3ª exposição individual: crianças

De 20 a 24 de Outubro, a pedido do FAOJ de Braga e por 79 ser o «Ano Internacional da Criança, foi apresentada na Juveninho, no Parque de Exposições da cidade, uma exposição individual de Miguel Louro, sob o tema «Crianças».

- Nas festas de Natal, esta mesma exposição esteve patente ao público no Clube Português de Vigo;
- A 11 de Abril de 1980 foi inaugurada na Associação Fotográfica do Porto.

A crítica ressentiu-se, pelo menos entre especialistas:

«Se bem que a exposição no seu conjunto apresente um saldo positivo, teve no entanto alguns pontos baixos que já não seriam de esperar do autor. O Miguel Louro já não deve beneficiar da benevolência da crítica feita a principiantes.» - Ricardo Fonseca.

«Mais uma expo do Louro com o seu cunho pessoal, mais uma vez ele pegou num tema, desenvolveu-o, deu-lhe forma e depois expôs, só por isto tenho de lhe dar os parabéns.» - Gaspar de Jesus.

«Exposição documentalista de uma exploração sentimentalista feita constantemente nos nossos tempos. Tecnicamente de uma uniformidade que esquece o aspecto criativo da fotografia. Abordagem sensacionalista do problema.» - tal foi a apreciação

de Artur Moura sobre a exposição "Crianças".

Mas o fotógrafo e amigo João Paulo Sotto Mayor, no livro de honra, um receptivo conjunto de folhas em papel velho e com robusto encapamento de pele, tudo protegido por igual presilha de couro, fez-lhe saber:

«Nota-se, desde a Apúlia até aqui, a diferença de quem já tem as suas noites ocupadas com o gosto de manejar um ampliador que vale a pena».

1980

4ª Exposição individual: tema livre

Começou o ano com a exposição na associação de Estudantes da Faculdade de Economia do Porto, de 11 de Janeiro a 13 de Fevereiro.

No âmbito das festas da Queima das Fitas, decorrente das suas funções culturais na associação de estudantes de medicina, organizou uma Exposição dos Fotógrafos Profissionais do Porto, que teve lugar no edifício de Turismo da Câmara Municipal do Porto. Este trabalho ou capacidade de iniciativa valeu-lhe ser eleito, no ano seguinte, Presidente da Queima das Fitas da Universidade do Porto, cargo de elevada honra e de grande exposição mediática, no contexto estudantil, claro está, sujeito portanto à errância das relações e à experimentação dos afectos, movimentos que são sempre predadores de imagens, nem todas fotografadas, é bom de ver.

Promoveu a exposição de Mário Peixoto, sobre o muro de Berlim, em 1980, na Associação Fotográfica do Porto.

Mário Peixoto é um amigo que Miguel Louro interessou pela fotografia, cujos trabalhos incentivou e a quem incutiu uma vontade forte de revelação. Sobre esta exposição, concretamente sobre a contínua questão de saber quem sofria mais os efeitos do muro de Berlim, a carta do Mário sugeria a compreensão de uma leitura "invertida" do problema: *«Para aqueles que esta situação não conhecem e talvez também para esclarecimento, gostaria de dizer que este estado de frustração, de desespero e de prisão não se faz sentir sobre os habitantes da RDA, mas sim sobre os habitantes de Berlim Ocidental e sobre mim que também vivo nesta cidade. Somos nós que, todos os dias, temos de ver um muro à nossa frente ou que precisamos de autorização para sair da cidade. Somos nós que temos os movimentos restringidos e que estamos dependentes de toda a ajuda do exterior. Não é sem razão que Berlim tem uma das maiores cotas de suicídio da Europa»* - Mário Peixoto, da carta de 16.04.80, de Berlim.

Aconteceram os 1.ºs Encontros de Fotografia de Coimbra e Miguel Louro esteve lá, expôs, integrado numa colectiva.

Mas este ano de 80 trouxe-lhe novos trabalhos e desafios, uns de natureza comercial, os outros de carácter institucional. Miguel Louro sentia-se desafiado e queria desafiar, tinha-se como fotógrafo numa situação de errância, de procura, com uma necessidade imperiosa de desenvolver trabalhos mais elaborados e consistentes com os seus percursos de aprendizagem e de frequência de salões. Tinha alguma visibilidade e sobretudo sentia-se com um currículo receptivo à concepção e implementação de projectos. De todos, destaquem-se os trabalhos no âmbito do Museu Nogueira da Silva da Universidade do Minho, de que foi responsável pela fototeca, onde desenvolveu várias iniciativas, começando nomeadamente por promover a exposição do espólio fotográfico de Manuel Carneiro, a organização dos materiais em arquivo e a positivação dos negativos daquele fotógrafo.

Na sequência da sua função como assistente de um departamento de publicidade, os trabalhos de natureza comercial começaram a ser mais frequentes. Assim, neste ano

- Fotografou relógios portugueses para a Livraria Civilização, para ilustração de um livro de Rolando Van Zeller;
- Fez as fotografias e o diaporama para a revista MAKO JEANS

Magazine e fez a colecção de moda Outono / Inverno 80/81, para apresentação nas feiras SEHM em Paris e na Portex no Porto; esta revista assinalou o 10º aniversário daquela empresa de confecções e nela se mostra a reportagem que Miguel Louro executou para cobrir o "social-vip" do acontecimento.

No âmbito da sua colaboração com o Museu Nogueira da Silva, contactou Júlio Alexandre Matos para organização da exposição «Sem Título EUA, 1980».

O salonismo continuou com motivação favorável:

- apareceu no IV Salão Nacional de Fotografia de Braga, em Fevereiro;
- concorreu ao I Salão Internacional Nortegal;
- voltou a participar no Algarve Photo Salon do Rascal Clube de Silves;
- foi ao I Salão de Fotografia dos Amadores, de Pena de Abrantes;
- e mostrou-se bem no certame «Vénus 80» - Salão Mundial de Fotografia, em Varsóvia, na Polónia.

Quanto a troféus de caça, recebeu, sensibilizado, o prémio de presença (uma medalha da autoria do escultor Ulisses) no certame que celebrou 10 anos da AFCA: 1970-1980.

5ª Exposição individual: procura

Abriu com a pompa e circunstância típica destes eventos na galeria do Hotel Turismo de Braga, de 20 a 31 de Dezembro. *«A luz sabe desenvolver formas ora amorfas, ora definidas em rasgos de fluidez; ela envolve os volumes com o seu manto diáfano e misterioso, sugerindo a imagem e provocando encantos. A procura de um redescobrir novos meios na expressão da realidade, que se desenvolvem a quem os contempla como materializações artísticas dum momento inventado. A tentação de vos oferecer instantes, fragmentos privilegiados, pelo domínio da imagem, que vivem na sensibilidade do artistas, eis a razão desta amostra fotográfica»* - lia-se no texto que acompanhava o convite para a exposição e as palavras eram suas.

1981

Abre o ano com a exposição de «Procura» na Associação Fotográfica do Porto, de 12 a 23 de Janeiro, à Rua de Santa Catarina.

Depois será a vez de mostrar este conjunto de trabalhos nos Açores. «Procura» passa no Museu Carlos Machado, em Ponta Delgada, na ilha de S. Miguel, no dia Internacional dos Museus, de 19 a 31 de Maio.

«Felicidades para o poveiro que quase reconcilia a pintura com a fotografia», assim escreveu um visitante, e outro fez questão de declarar que *«a preocupação por quem dedicou a sua vida inteira ao trabalho está bem patente nesta exposição»*, ambos com assinatura irreconhecível no livro do artista.

Na qualidade de director da Secção de Fotografia da Associação de Estudantes da Faculdade de Medicina, Miguel Louro organizou ao longo deste ano exposições no átrio da faculdade, uma individual, a **6ª exposição: tema livre** e outra colectiva. Nessa qualidade, colaborou ainda na organização de uma outra exposição com a Associação de Estudantes da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa e a revista «Arteopinião».

o compromisso institucional...
1980 - 1988

1980

4ª Exposição individual: tema livre

Começou o ano com a exposição na associação de Estudantes da Faculdade de Economia do Porto, de 11 de Janeiro a 13 de Fevereiro.

No âmbito das festas da Queima das Fitas, decorrente das suas funções culturais na associação de estudantes de medicina, organizou uma Exposição dos Fotógrafos Profissionais do Porto, que teve lugar no edifício de Turismo da Câmara Municipal do Porto. Este trabalho ou capacidade de iniciativa valeu-lhe ser eleito, no ano seguinte, Presidente da Queima das Fitas da Universidade do Porto, cargo de elevada honra e de grande exposição mediática, no contexto estudantil, claro está, sujeito portanto à errância das relações e à experimentação dos afectos, movimentos que são sempre predadores de imagens, nem todas fotografadas, é bom de ver.

Promoveu a exposição de Mário Peixoto, sobre o muro de Berlim, em 1980, na Associação Fotográfica do Porto.

Mário Peixoto é um amigo que Miguel Louro interessou pela fotografia, cujos trabalhos incentivou e a quem incutiu uma vontade forte de revelação. Sobre esta exposição, concretamente sobre a contínua questão de saber quem sofria mais os efeitos do muro de Berlim, a carta do Mário sugeria a compreensão de uma leitura "invertida" do problema: *«Para aqueles que esta situação não conhecem e talvez também para esclarecimento, gostaria de dizer que este estado de frustração, de desespero e de prisão não se faz sentir sobre os habitantes da RDA, mas sim sobre os habitantes de Berlim Ocidental e sobre mim que também vivo nesta cidade. Somos nós que, todos os dias, temos de ver um muro à nossa frente ou que precisamos de autorização para sair da cidade. Somos nós que temos os movimentos restringidos e que estamos dependentes de toda a ajuda do exterior. Não é sem razão que Berlim tem uma das maiores cotas de suicídio da Europa»* - Mário Peixoto, da carta de 16.04.80, de Berlim.

Aconteceram os 1.ºs Encontros de Fotografia de Coimbra e Miguel Louro esteve lá, expôs, integrado numa colectiva.

Mas este ano de 80 trouxe-lhe novos trabalhos e desafios, uns de natureza comercial, os outros de carácter institucional. Miguel Louro sentia-se desafiado e queria desafiar, tinha-se como fotógrafo numa situação de errância, de procura, com uma necessidade imperiosa de desenvolver trabalhos mais elaborados e consistentes com os seus percursos de aprendizagem e de frequência de salões. Tinha alguma visibilidade e sobretudo sentia-se com um currículo receptivo à concepção e implementação de projectos. De todos, destaquem-se os trabalhos no âmbito do Museu Nogueira da Silva da Universidade do Minho, de que foi responsável pela fototeca, onde desenvolveu várias iniciativas, começando nomeadamente por promover a exposição do espólio fotográfico de Manuel Carneiro, a organização dos materiais em arquivo e a positivação dos negativos daquele fotógrafo.

Na sequência da sua função como assistente de um departamento de publicidade, os trabalhos de natureza comercial começaram a ser mais frequentes. Assim, neste ano

- Fotografou relógios portugueses para a Livraria Civilização, para ilustração de um livro de Rolando Van Zeller;
- Fez as fotografias e o diaporama para a revista MAKO JEANS

Magazine e fez a colecção de moda Outono / Inverno 80/81, para apresentação nas feiras SEHM em Paris e na Portex no Porto; esta revista assinalou o 10º aniversário daquela empresa de confecções e nela se mostra a reportagem que Miguel Louro executou para cobrir o "social-vip" do acontecimento.

No âmbito da sua colaboração com o Museu Nogueira da Silva, contactou Júlio Alexandre Matos para organização da exposição «Sem Título EUA, 1980».

O salonismo continuou com motivação favorável:

- apareceu no IV Salão Nacional de Fotografia de Braga, em Fevereiro;
- concorreu ao I Salão Internacional Nortegal;
- voltou a participar no Algarve Photo Salon do Rocal Clube de Silves;
- foi ao I Salão de Fotografia dos Amadores, de Pena de Abrantes;
- e mostrou-se bem no certame «Vénus 80» - Salão Mundial de Fotografia, em Varsóvia, na Polónia.

Quanto a troféus de caça, recebeu, sensibilizado, o prémio de presença (uma medalha da autoria do escultor Ulisses) no certame que celebrou 10 anos da AFCA: 1970-1980.

5ª Exposição individual: procura

Abriu com a pompa e circunstância típica destes eventos na galeria do Hotel Turismo de Braga, de 20 a 31 de Dezembro. *«A luz sabe desenvolver formas ora amorfas, ora definidas em rasgos de fluidez; ela envolve os volumes com o seu manto diáfano e misterioso, sugerindo a imagem e provocando encantos. A procura de um redescobrir novos meios na expressão da realidade, que se desenvolvem a quem os contempla como materializações artísticas dum momento inventado. A tentação de vos oferecer instantes, fragmentos privilegiados, pelo domínio da imagem, que vivem na sensibilidade do artistas, eis a razão desta amostra fotográfica»* - lia-se no texto que acompanhava o convite para a exposição e as palavras eram suas.

1981

Abre o ano com a exposição de «Procura» na Associação Fotográfica do Porto, de 12 a 23 de Janeiro, à Rua de Santa Catarina.

Depois será a vez de mostrar este conjunto de trabalhos nos Açores. «Procura» passa no Museu Carlos Machado, em Ponta Delgada, na ilha de S. Miguel, no dia Internacional dos Museus, de 19 a 31 de Maio.

«Felicidades para o poveiro que quase reconcilia a pintura com a fotografia», assim escreveu um visitante, e outro fez questão de declarar que *«a preocupação por quem dedicou a sua vida inteira ao trabalho está bem patente nesta exposição»*, ambos com assinatura irreconhecível no livro do artista.

Na qualidade de director da Secção de Fotografia da Associação de Estudantes da Faculdade de Medicina, Miguel Louro organizou ao longo deste ano exposições no átrio da faculdade, uma individual, a **6ª exposição: tema livre** e outra colectiva. Nessa qualidade, colaborou ainda na organização de uma outra exposição com a Associação de Estudantes da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa e a revista «Arteopinião».

o compromisso institucional...

1980 - 1988

Colaborou também com a Associação Académica da Universidade do Minho para a organização da exposição «Imagens do Canadá», realizada em Braga, em Novembro.

E como quem sabe deve ensinar aos outros, neste ano de 1981 Miguel Louro estreou-se como formador, monitor e orientador de um curso de iniciação à fotografia, na Casa de Cultura da Juventude de Braga, o *Curso de Valorização Fotográfica*.

Quanto à presença nos salões e nos concursos, regista-se a sua passagem

- pelo V Salão Nacional Fotográfico e IV Ibérico d' *O Lar do Comércio*;
- pelo I Salão Nacional de Fotografia do Lions Clube de Vila Nova de Famalicão;
- pelo Salão de Fotografia da Faculdade de Ciências, organização da Direcção da Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto;
- pelo VI Salão Nacional de Fotografia, na Casa Museu Nogueira da Silva;
- pelo V Concurso de Fotografia «Semana de La Mar», em Luanco, Espanha;
- e pela V Bienal Internacional de Fotografia, no Porto.

O *Foto-jornal, Anuário Português de Fotografia*, edição Foto-Jornal, aparece nos escaparates com dois trabalhos de Miguel Louro, num portfolio colectivo que pretende ser uma «relação extensa de obras assinadas por autores nacionais» representativos da fotografia portuguesa. Um dos trabalhos é a «cena de rua», na Apúlia, tirada em Julho de 80; o outro é o «nordeste transmontano e uma criança curvada no trabalho»; ambas as fotos foram obtidas com a Minolta SRT e objectiva de 28mm, dados que o Anuário trazia em notas finais.

Esta aparição gratificante no Anuário não escamoteia as «candeias às avessas» nas relações de Miguel Louro com o director daquela publicação, a crer num rascunho pessoal de carta para o Anuário Português de Fotografia, reclamando contra a «falta de atenção à fotografia no Norte do País, Porto e Braga, no qual existem associações fotográficas», e lembrando sem qualquer receio de presunção que «o resto do país para além de Lisboa não é só paisagem, parece-me que neste momento produz mais e melhor».

Miguel Louro participou na Exposição Fotográfica Comemorativa dos 75 anos do Futebol Clube do Porto, na temática «Desporto».

1982

Neste ano, a delegação distrital de Braga da Cruz Vermelha Portuguesa encarregou-o de fotografar a visita de Sua Santidade o Papa João Paulo II à cidade de Braga. As suas fotografias foram depois expostas na sede da Cruz Vermelha, na cidade bracarense.

Para ilustrar uma conferência da escritora Luisa Dacosta, Miguel Louro organizou uma exposição de fotografias na Câmara Municipal de Póvoa de Varzim, de 23 de Abril a 2 de Maio.

7ª Exposição individual: tema livre

Abriu no salão de Turismo da Póvoa de Varzim, de 21 a 31 de Agosto.

«Do ponto de vista artístico... achei todas as fotografias de alto valor e gostei em especial das fotografias de gente e daquelas em que o céu aparece com as nuvens bem vincadas, dando assim um outro valor à paisagem. (...) Como conclusão, penso que temos aqui um artista com enorme peso na arte fotográfica nacional.» - escreveu um observador atento, António Alberto Silveira, que fez saber-se ligado à secção de fotografia de OCTOPUS, em 29 de Agosto.

- Participou, para além de assumir responsabilidades na sua organização, no VII Salão Nacional de Fotografia de Braga, de 19 de Junho a 4 de Julho, promovido pela Associação de Fotografia e Cinema de Amadores de Braga (AFCA). Note-se o que o prospecto divulgador do regulamento deste certame exhibia em *editorial*, assinado por Miguel Louro: «Com a eleição dos novos corpos directivos desta Associação, vamos a partir de agora incentivar a fotografia». O catálogo da exposição insere duas fotos suas. Neste certame, Miguel Louro obteve duas melhores fotografias (em tema A e tema B) e ainda duas menções honrosas, uma em diapositivo «reportagem» e outra em «tema livre – preto e branco».
- Participou mais uma vez no VI Salão Nacional Fotográfico e V Ibérico d' *O Lar do Comércio* (Tema A, secção 1);
- Voltou a concorrer ao 6º Concurso Fotográfico «Semana de La Mar», em Luanco, Espanha, em Julho;
- Concorreu ao XI International Triennial Exhibition of Photography, em Zadar, na Jugoslávia;
- Participou no XXVII Salon Fotográfico Internacional «San Fermin 82», em Pamplona, Espanha;
- Marcou presença no 2º Salão ATC, como sócio da Associação Fotográfica do Porto;
- Quanto a prémios, ainda recebeu uma Menção Honrosa no I Salão Nacional de Fotografia do Leo Clube de Guimarães, em Abril, na classe A (preto e branco) com o tema «Terceira idade».

O *Foto-jornal, Anuário Português de Fotografia*, edição Foto-Jornal, voltou a incluir uma fotografia de Miguel Louro: «cenas da vida rural portuguesa, aldeia transmontana», imagem captada com a Minolta XK e objectiva Rokkor de 28 mm.

Participou numa exposição colectiva dos 3ºs Encontros de Fotografia de Coimbra, de 7 a 16 de Maio, no último andar do Edifício Chiado.

Foi incluído na exposição «10 Anos de Fotografia Portuguesa 1970/1980», organizada por José Reis, com apoio da Secretaria de Estado da Cultura, englobando 70 fotógrafos portugueses.

Participou na organização da exposição «Braga 82 - Reestruturação do Território Municipal» onde se incluíam fotografias suas. Esta iniciativa cultural e urbanística da Câmara Municipal consistiu na elaboração e apresentação pública dos planos directores do futuro desenvolvimento da cidade.

Neste enquadramento de relações de trabalho, Miguel Louro celebrou com a Câmara Municipal de Braga um protocolo contratual para organização de uma exposição de 50 a 70 fotografias sobre aspectos históricos, monumentais, culturais e paisagísticos da cidade, convidando cinco a oito fotógrafos amadores do norte do país de reconhecido mérito nacional e internacional. Esta exposição, acompanhada do respectivo catálogo, teria um percurso itinerante por outras localidades, mas o seu fim seria o arquivo em museu próprio como documento para a posteridade.

Em Abril de 1982, Miguel Louro redigiu «Uma breve história do centro de Documentação Fotográfica da Unidade de Museologia

da Universidade do Minho», documento que é revelador de um caderno de encargos decisivo para quem teve responsabilidades na área da conservação museológica. Leia-se:

«Porque Braga é uma cidade muito marcada pelo século XIX e o início do séc. XX; porque os documentos desse período estão geralmente muito sujeitos ao abandono e destruição – a sua “curta” idade torna-os aparentemente menos importantes e, por isso, mais vulneráveis – o Museu da Casa Nogueira da Silva (Unidade de Museologia da Universidade do Minho) e a ASPA (Associação para a Defesa, Estudo e Divulgação do Património) têm orientado muito do seu esforço no sentido de uma intervenção que vise a salvaguarda da Herança Cultural daquela época. Desta preocupação ao interesse muito especial pela documentação fotográfica antiga – chamada em apoio de estudos de arqueologia urbana e rural – foi um pequeno e inevitável passo: organizaram-se 3 exposições de fotografias e edições de postais.

1. “Antiga Braga - fotografias; recolha de Leite de Sousa”, Braga, Museu dos Biscainhos, Jun-Jul/78;
2. “Para o estudo da imagem de Braga – o postal ilustrado”, Braga, Escola do Magistério Primário, Nov-Dez/79;
3. “O chapéu feminino em Braga – 1910/1915”, Braga, Museu dos Biscainhos, Mai-Jun/80),

- iniciou-se a recolha de velhos arquivos de imagens fotográficas, criaram-se, enfim, os fundamentos para a constituição de uma Fototeca Regional, sem dúvida o espaço cultural necessário para a salvaguarda do importante património fotográfico ainda existente, onde se espelha a memória dos últimos cento e cinquenta anos da vida desta cidade e região.

Num trabalho de colaboração estreita entre as duas entidades – uma que assegurou instalações, orientação técnica e equipamentos; outra que possibilitou meios humanos – conseguiu-se, em curto período, constituir um núcleo inicial das coleções do centro de Documentação Fotográfica e, a partir de uma primeira prospecção do material disponível para recolha, dimensionar e estruturar uma segunda fase do projecto: a instalação definitiva do Centro e a sua institucionalização dentro da Universidade do Minho.

Procurou-se, então, designadamente com uma exposição itinerante

“Centro de documentação fotográfica - um projecto aberto à comunidade”, Braga, Museu da Casa Nogueira da Silva, Jun-Out/81

- sensibilizar de forma alargada a comunidade de Braga para a necessidade de uma acção de salvaguarda do seu património fotográfico; apresentou-se à Comissão Instaladora da Universidade do Minho uma proposta de adaptação do edifício existente nos jardins do Museu da Casa Nogueira da Silva para instalação do Centro de Documentação Fotográfica; solicitou-se a ajuda da Fundação Calouste Gulbenkian para a aquisição dos equipamentos de laboratório necessários; contactaram-se firmas da indústria fotográfica (Agfa-Gevaert Portuguesa, Kodak Portuguesa) para o fornecimento de materiais e produtos fotográficos em condições especiais.

Aprovada a verba necessária e feito o projecto da obra de adaptação do edifício que albergará o Centro de Documentação Fotográfica; apresentada à Fundação Calouste Gulbenkian uma lista do equipamento necessário ao Centro; com a promessa de

um apoio em ‘géneros’, em contrapartida de acções de publicidade a promover com materiais antigos, por parte da Agfa-Gevaert e da Kodak; sobretudo com o interesse e a vontade que a comunidade de Braga tem mostrado pelo crescimento do ‘seu’ arquivo de imagens fotográficas; o Centro de Documentação Fotográfica da Unidade de Museologia da Universidade do Minho começa a ter reunidas as condições para se desenvolver e, assim, vir a constituir um espaço cultural fundamental para a cidade e para a região de Braga; uma iniciativa piloto a nível nacional, já que, pela sua dimensão de Arquivo Regional da Imagem Fotográfica, propõe uma actuação descentralizada de salvaguarda do património fotográfico, única forma de obter o maior rendimento cultural daquele material».

E Miguel Louro fez-se médico. A prenda de fim de curso foi uma viagem ao Brasil, ao Nordeste, paga por seu pai, agora impulsionador de olhares por outros horizontes. E o rapaz lá foi de máquina em punho, ansioso por imagens, que nunca aos olhos doem...

1983

Em trabalho de direcção na AFCA, Miguel Louro continuou a animar as noites bracarense com programas de « projecção de diapositivos com música ». Em Fevereiro, dia 17, projectou os seus slides, na Casa Museu Nogueira da Silva, às 22 horas. Depois, nos meses seguintes, entre outros, projectou os diapositivos musicados de José Manuel Calado, Gaspar de Jesus, João Meneres e Abel Macedo.

8ª exposição individual: semana santa

Exposição no Seminário de S. Tiago, de 26 de Março a 2 de Abril, organizada pela Comissão das Solenidades da Semana Santa de Braga. Miguel Louro apresentou 54 trabalhos, tendo como tema as procissões da Semana Santa e a Visita Pascal.

«O mundo da fotografia é um mundo cheio de plenitude, onde o olho do fotógrafo é rei»... «Busca perspicaz de vários anos de fotografia» - referia o guião.

«Reter as mais belas imagens da vida no pensamento e conservar os momentos mais altos da existência no coração, é um Dom que devemos agradecer a Deus... Com efeito, esta capacidade é própria do homem.

(...) Imagens belas de expressão de Fé, quadros sugestivos de manifestações litúrgicas e momentos encantadores de vivência cristã, é o que nos oferece, na sugestiva arte fotográfica, o Dr. Miguel Louro. A Comissão das Solenidades da Semana Santa agradece ao jovem médico o empenho, a dedicação e o carinho, postos nesta exposição.» - assim escreveu o Cónego Eduardo de Melo.

Da crítica, escolheram-se as palavras de Rui Esteves:

«Miguel, os meus parabéns. Acho que esta exposição é um fiel retrato da Semana Santa em Braga, e digo-te, técnica e esteticamente está muito bem conseguida. Acho que a última fotografia, a do “retrato de família” é um espanto!»

De 2 a 27 de Maio deste ano, a sua exposição **Tema livre** foi mostrada na sede da Associação Fotográfica do Porto. Teve lugar o I Salão de Fotografia de Braga Clube D. Pedro, de 14 a 22 de Maio, no salão do 8º piso do Hotel Turismo, que reuniu trabalhos de 9 fotógrafos nortenhos, entre os quais Miguel Louro.

Organizou, dando-lhe também colaboração técnica e artística, uma exposição colectiva de 7 fotógrafos, ele incluído, sob a temática «Braga - Maneiras de Ver». Esta exposição, «promovida pela CMB sob a coordenação do pelouro de Cultura responsável pelo projecto, Miguel Louro», acabou por concretizar o protocolo celebrado com a Câmara Municipal de Braga e reuniu os trabalhos dos seguintes fotógrafos: João Paulo Sotto Mayor, Ricardo da Fonseca, Gaspar de Jesus, José Carlos Príncipe, Fernando Martins, Ferreira Alves, Gabriela Alves, Manuel E. A. Sousa e Miguel Louro.

Em Maio, promoveu a exposição do fotógrafo profissional Américo Gomes, conhecido pelas suas fotografias na PHOTO.

Prestou colaboração técnica para o trabalho de Henrique Botelho «A Luz Negra e o Palco», exposição realizada na Casa dos Crivos, de 16 a 25 de Junho.

Realizou a sua 9ª Exposição Individual: erotismo

Foi posta fora de portas da cidade, na galeria do Morango Pub, ali numa das curvas das voltas de Macada, em horário nocturno. Foi em Outubro, já tinham sido as vindimas, e o lugar era propício. Ainda hoje, em memórias que só se consentem aos amigos, esta exposição se recorda como uma mostra propiciadora...

Miguel Louro, enquanto médico, fundou e montou o serviço de Iconografia do Hospital de São Marcos, em 1983. Assim dá conta do mesmo a Ordem de Serviço n.º 11/83:

«Por deliberação do Conselho de Gerência, e a título provisório, passa a funcionar um Serviço de Iconografia. Dá-se, assim, satisfação a um anseio dos Serviços deste Hospital. O Serviço ficará sob a responsabilidade do Dr. Miguel Louro».

...«a ilustração médica inclui a criação de desenhos de anatomia em esquema e fotogravura (autotipia), tanto a preto e branco como a cor, bem como gráficos de vários assuntos. Todos estes serviços são oferecidos em fotografia, filmes de produção em vídeo... a fotografia médica, que engloba o lado clínico, cirúrgico, oftálmico, o de peças macroscópicas, a fotomicrografia, a fotomicrografia e a produção de slides. Todos eles podem ser utilizados em exposições, apresentação de fotografias, de filmes e ainda em publicações...» - ...do texto assinado por Don Garbera Existe um fotógrafo médico na Casa? «Executivos hospitalares devem dar-se conta dos importantes serviços que podem oferecer os departamentos de informação biomédica», distribuído no Hospital em 1983 por Miguel Louro.

E no que toca ao movimento de ir e estar em salões, certames, concursos e mostras, Miguel Louro:

- Concorreu ao III Salão de Fotografia da Associação Teatro Construção, de Joane, no tema «A Criança» e em tema livre;
- Voltou a concorrer ao VII Salão Nacional Fotográfico e VI Ibérico d'O Lar do Comércio;
- Idem aspas ao VIII Salão de Fotografia de Braga, com diapositivos e preto e branco, aberto ao público de 18 de Junho a 1 de Julho;
- Idem aspas à VI Edición do Concurso Internacional de Fotografia de La Mar, Luanco, Astúrias, Espanha, em Julho;
- Foi ainda ao II Salão Universitário de Arte Fotográfica, Núcleo de Arte Fotográfica da Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico;

- Participou no concurso SQUIBB, cujos trabalhos foram expostos depois no VI Congresso Português de Cardiologia. Obteve o 1º prémio nas fotografias a preto e branco.

1984

- As repetições de fundo empurram a novidade para a superfície da pele. Não há que lhes fugir, fazem parte do currículo. Assim, neste ano da graça da Luz, Miguel Louro
- Tomou parte activa na organização do IX Salão Nacional de Fotografia, em Junho, em Braga.
 - Apresentou-se ao Concurso Fotográfico da SQUIBB, com exposição de fotografias no 7º Congresso Português de Cardiologia;
 - Concorreu ao 35º Concours Ibéric, Agrupació Fotografica D'Igualada, Troféu PELL, com 3 fotografias;
 - Voltou, como não podia deixar de ser, ao VIII Salão Nacional Fotográfico e VII Ibérico, desta vez com participação Italiana, d'O Lar do Comércio;
 - Participou, com dois trabalhos ("Sin título" e "Portuguese boat") na XIII Semana Internacional de Cine Naval y del Mar, de 5 a 10 de Novembro, cuja exposição resultou do VII Concurso Internacional de Fotografia «El Mar y su Entorno». O Catálogo desta exposição embarcava na fatalidade das comparações: «... la fotografia es como la quilla del barco donde habrian de montarse las cuadernas del cine».

No que respeita a prémios:

- Obteve uma menção honrosa com o seu trabalho "Rabi" no 1º Salão Nacional Fotográfico da 1ª Brigada Mista Independente, realizado em Abril, em Santa Margarida.

O Foto-jornal, Anuário Português de Fotografia, edição Foto-Jornal, voltou a incluir dois trabalhos de Miguel Louro, "A Casa Raul", no Sameiro, e um slide a cores com imagem tirada na Fundação Onça.

1985

10ª exposição individual: exercício em automóveis

Teve lugar no salão do Hotel Turismo, em Braga, em colaboração com o Clube Automóvel do Minho por via da Rampa da Falperra. Foi em Maio. Todas as fotos incidiam sobre o automóvel.

Concursos

- Participou com "Estudo Nu" no I Salão Nacional de Fotografia do Grupo Cultural e Desportivo dos Empregados do Banco Pinto e Sotto Mayor, no Porto;
- Voltou ao X Salão Nacional de Fotografia de Braga, cujo catálogo inclui um trabalho seu;
- Participou no Certame da Feira de S. Pedro, em Macedo de Cavaleiros, com uma exposição de 4 trabalhos de "Nordeste Transmontano"; a organização do certame teve a amabilidade de lhe enviar o diploma de participação;
- Mais uma vez apresentou um trabalho (S/título, sob o tema "A 3ª Idade") ao IX Salão Nacional Fotográfico e VIII Ibérico d'O Lar do Comércio;
- Concorreu ao I Salão Nacional Fotográfico da Irmandade e Santa Casa de Misericórdia de Santo Tirso, onde obteve o 3º prémio (S/Título, no tema "A Criança").

O Foto-jornal, Anuário Português de Fotografia, edição Foto-Jornal, incluiu desta vez dois trabalhos a cor e dois siba cromos (das tais fotos tiradas no Brasil).

1986

11ª exposição individual: Trás-os-Montes, o norte de Portugal

Foi montada e esteve aberta ao público de 18 a 24 de Agosto na Escola D. Luís de Castro, em Braga, ali quem começa a subir para o Bom Jesus.

- Concorreu ao 37º Concours Ibéric, Troféu PELL, em Espanha.
- Participou na 15ª Semana Internacional del Cine Naval y del Mar, em Cartagena, Espanha, em Novembro.
- Foi-lhe atribuído um prémio do Concurso Fotográfico SQUIBB, sob o tema «Qualidade de Vida», concurso aberto a todos os médicos residentes em Portugal sob o tema "A liberdade de voltar a viver". Os trabalhos tiveram de ser apresentados até Fevereiro e foram depois expostos no VIII Congresso Português de Cardiologia.

1987

Promove a 1ª EXPOAFCA – de 9 a 14 de Março, em Braga. Este evento teve características multimedia: video, cinema, fotografia, exposições e música. No Hotel Turismo, para se referir apenas a parte ligada à fotografia, inaugurou-se uma exposição dos «fotógrafos da AFCA»: Aníbal Sequeira, António Cunha, Carlos Fontes, Henrique Botelho, Miguel Louro, Renato Roque, Rui Prata, Silvestre Santos. Este evento, que fora concebido com raízes para uma re-actualização anual, esteve seguramente na origem de um outro movimento a que se veio a chamar, por inspiração dos encontros de Coimbra, os Encontros da Imagem, em Braga. Sem qualquer espírito de recolher louros, Miguel Louro, por ter sido promotor de vários salões de fotografia, considera-se um dos impulsionadores do movimento que está na origem destes «Encontros da Imagem» de Braga, a partir de 1987. Estes encontros, que se têm sempre excedido em ambições, seja as de mostrar a obra de fotógrafos, seja as de fazer a crítica de portfolios, seja as de incentivar a formação de novos autores, fazem parte já da paisagem cultural da cidade de Braga. Um homem fica feliz por si e por quantos trabalharam neste sentido!

Neste ano,

- Miguel Louro concorreu ao II Salão Nacional de Fotografia do Hotel Meridien, no Porto, em Junho, ao tema "Turismo – cor" e ao "Tema I", a preto e branco.

E em Junho foi a *Les Rencontres D'Arles*, claro está, a França, com Rui Pratas, Carlos Fontes e Luís Fontes, como quem vai a um santuário de revelações, como quem precisa de um «caminho de Santiago» para a fotografia. Em Arles atribuíam-se o *European Kodak Award, Grand Prix Européen de la Photographie* concebido e organizado por esta multinacional. Em Arles frequentavam-se *ateliers*, em Arles encontravam-se os autores de referência. Foi em Arles que Miguel Louro reencontrou Philippe Saalun, e este um anos depois marcava Arles como lugar de novo encontro. Foi em Arles que assistiu à promoção e ao lançamento da revista *La Recherche Photographique* cujo chefe de redacção era André Rouillé, revista que passou a adquirir e a estudar.

Neste ano, o Museu da Casa Nogueira da Silva informava que iria promover exposições de fotografia num novo espaço das suas instalações, o átrio anexo ao auditório. Essas exposições seriam constituídas por portfolios de autores, entre 10-12 fotografias,

eventualmente complementadas com projecções de diapositivos. A publicitação concluía:
«A iniciativa agora anunciada é, pois, um complemento actual deste interesse pela fotografia e da sua valorização como veículo de expressão artística, como fonte de informação e como suporte e instrumento técnico de inestimável importância nos nossos dias».

De 5 a 15 de Novembro tiveram lugar os 8ºs Encontros de Coimbra, onde Miguel Louro contactou com esse grande fotógrafo mexicano Manuel Alvarez Bravo (1902 -), de quem possui uma foto autografada. As conversas referem-se porque nelas residem, como foi o caso, sementes de aprendizagem, procriadoras mais tarde, pormenores que ficam adormecidos na cabeça da gente até um dia...

De 20 de Novembro a 22 de Janeiro de 1988 anunciou-se em Braga um ciclo de conferências e exposições sobre Tibães, ocasião em que Miguel Louro apresentou a sua.

1988

12ª exposição individual: o mosteiro de Tibães

Aberta desde Novembro até Janeiro deste ano, na Galeria do Museu Nogueira da Silva, em Braga. Miguel Louro fez também as fotografias para o prospecto de promoção desta exposição. Algumas das fotografias tinham sido já utilizadas para ilustração do artigo de Aurélio de Oliveira (1988) - «Tibães e os Caminhos do Barroco», revista *FORUM*, n.º 3, Maio, Universidade do Minho, Braga.

Miguel Louro vendeu ao IPPC todo o material fotografado sobre o Mosteiro de Tibães, com positivação de todos os negativos e elaboração do respectivo ficheiro. Desta colecção salvou algumas provas a selénio e sépia para os amigos (Dª Irene Borges de Araújo, Engª Nuna, pintor Nuno Barreto, Dr. César Valença, Dra Aida Marta e exmo. capelão do Hospital de S. Marcos, Padre de Vila Chã).

Fez também a ilustração fotográfica documental do prospecto do Instituto Português do Património Cultural - *Mosteiro de Tibães*, Braga, 1988.

No ano seguinte, realizou um diaporama sobre o quotidiano do século XVIII, também para o Mosteiro de Tibães.

Executou 12 postais a cores sobre o Museu dos Biscainhos. Voltou a visitar os XIXes *Rencontres Internationales de La Photographie*, em Arles, que neste ano foram dedicados a três grandes temas: a China, a dança e a publicidade.

Visitou igualmente as *Journées de L'Image Professionnelle*, em Fontvieille, em França, de 5 de Julho a 15 de Agosto. Aqui teve a oportunidade, numa das oficinas do encontro em que os fotógrafos tinham a disponibilidade de um modelo, de fazer uma série de fotografias de nu integral, que conserva nos seus arquivos pessoais.

- Neste ano recebeu uma Menção Honrosa no certame promovido pela Câmara Municipal de Braga sobre o Bom Jesus.

Organizou a exposição de Manuel Magalhães «Fotografias», no âmbito das suas actividades na Galeria da Universidade do Minho - Fototeca do Museu Nogueira da Silva.

No Hotel Turismo de Braga, organizou uma exposição colectiva com fotógrafos de Braga, Porto e Lisboa.

1989

Foi o ano de ruptura com a AFCA. Miguel Louro, então desanimado com o rumo de algumas perspectivas de trabalho naquela associação, a que dedicara alguns dos seus anos mais generosos, apresentou novos projectos de Exposições para o Museu Nogueira da Silva, no âmbito das suas funções na Fototeca do mesmo. Neste ano, o Conselho Directivo do Museu Nogueira da Silva convidou-o a integrar o Conselho Permanente de Apoio ao Museu, destacando a sua colaboração à fototeca do mesmo e agradecendo os apoios que já vinha a prestar à Casa há alguns anos.

«O Bom Jesus de Manuel Carneiro» - Foi no Bom Jesus, no Hotel do Parque, que Miguel Louro organizou uma exposição, com alguns trabalhos de Manuel Carneiro (1871-1956) (comerciante e fotógrafo da cidade, da Casa Carneiro, na Rua do Souto), positivando ele próprio os clichés existentes na Fototeca do Museu Nogueira da Silva.

«Considero a fotografia o espelho da história. A melhor homenagem que se pode oferecer a um fotógrafo é conservar, publicar, mostrar a sua obra» - Miguel Louro, em Maio de 1989.

1. Homenagem a Tavela Veloso

Outro dos projectos consistiu na concepção e organização, de 14 de Julho a 20 de Agosto, de uma homenagem ao fotógrafo Mário Tavela Veloso (1943-1983), a qual assentou numa exposição de «50 obras escolhidas e devidamente estudadas e representativas das diferentes fases do artista», na edição de um livro «Memórias e Imagens» de homenagem e na entrega à Fototeca, através da celebração de um protocolo entre a família e o Museu, do espólio fotográfico deste malogrado fotógrafo, constituído por largas centenas de documentos.

«No próximo dia 14 de Julho, é depositado na Fototeca o espólio fotográfico de Mário Tavela Veloso que é homenageado a título póstumo. Da homenagem consta uma exposição de cinquenta fotografias do autor, na Galeria da Universidade do Minho, a edição de um catálogo, da responsabilidade do escultor João Machado e do jornalista Jorge Cordeiro e uma série de conferências, com a intervenção de Jorge Araújo, Adolfo Macedo e José Machado.» - testemunhou o *Correio do Minho* de 14 de Junho de 1989.

A edição de um livro com fotografias de Tavela Veloso e testemunhos de amigos - *Memória e Imagens: Tavela Veloso*, Museu Nogueira da Silva, Braga, 1989 - foi abrilhantada com uma conferência no salão do Museu. Para que o leitor fique com uma representação da obra de Tavela Veloso, reproduz-se uma síntese da comunicação de José Machado:

«A leitura das palavras de José Reis na introdução ao catálogo sobre *Fotografia portuguesa 1970-1980* podem ajudar-nos a formar uma ideia geral sobre as concepções dominantes nos vários estilos de fotografar desta década, o que acaba por se aplicar pertinentemente aos trabalhos de Tavela Veloso. «Constatamos fotografias que explicitam claramente qual é o assunto principal, e interrogamo-nos perante outras que são evasivas, ambivalentes, relativas, centrífugas ou insólitas. Imagens que descrevem e conotam. Que fazem apelos, que pretendem agitar, chocar ou relatar, ou antes pelo contrário não pretendem dizer nada de definido. Visões do mundo próprias de ideologias baseadas em certezas ou fundadas em dúvidas.

Podemos apreciar fotografias fáceis, emocionantes, quentes, abertas, explícitas, juntamente com imagens difíceis, frias, reservadas e enigmáticas que se aproximam da incompreensão e do vazio. Ora as significamos intelectualmente, ora as interpretamos sensorialmente».

De facto, o conjunto fotográfico de Tavela Veloso, que nos mereceu análise, insere-se perfeitamente nesta síntese representacional da fotografia da década de setenta. Todavia também pensamos que o seu modo de expressão pessoal, talhado entre a fotografia descritiva e a fotografia sugestiva, para usarmos as palavras de José Reis, uma e outras obtidas a partir da manipulação maior ou menor de meios técnicos, mas ambas feitas com a paixão das grandes causas, pensamos, dizíamos, que o seu modo de expressão pessoal se fundava na concepção da fotografia como limite, isto é, a fotografia como princípio e fim, como chegada e partida da interpretação do mundo, ancorada numa identidade de traços históricos, mas indeterminada e aberta quanto à construção do futuro, seja para o autor, seja para o receptor. E se a perspectiva descritiva, na dupla dimensão de documentário e de fonte indutora de novos significados, acabou por prevalecer, pondo-se ao serviço da defesa dos valores patrimoniais e da preservação ecológica do ambiente, tal não significou que se quedasse por tão nobres causas tanta vontade de conhecimento e de experimentação por parte do fotógrafo que foi Tavela Veloso, o qual escreveu: «a fotografia é a moldura – sempre em estilo retalhado de passado e futuro – que abraça, em íntimo, tudo o que é vida» (Fevereiro de 1977/Exposição Individual em Viana do Castelo). » - José Machado, *Tavela Veloso: a fotografia como princípio de comunicação*, Braga, Julho de 1989, conferência no Museu Nogueira da Silva.

2. Braga: dois registos

Outro dos projectos, mas este ainda não concretizado, mantém-se em «stand-by», consistiu na concepção, juntamente com José Machado, de uma exposição sobre a cidade de Braga, usando uma metodologia comparativa: colocar em paralelo os «clichés» de Manuel Carneiro e fotografias tiradas na actualidade por Miguel Louro aos mesmos lugares, numa aproximação possível de ângulos de visão e de pontos de vista. Tal exposição, denominada «Braga: Dois registos fotográficos (1899-1989)» não chegou, contudo a realizar-se, embora estivessem reunidos os materiais e elaborado o texto reflexivo.

Porque os 25 anos de actividade fotográfica de Miguel Louro não podem ser considerados fora das suas esferas familiares, a dos pais e a dos tios cumpriram sempre as suas funções germinadoras e motivadoras, a da esposa e filhas mantém-se como princípio de vitalidade, aproveita-se a incompletude deste projecto para dar ao público uma carta inédita de seu tio Vítor de Sá. Ela constitui um documento pessoal de inegável interesse para as memórias da cidade de Braga. Foi-lhe solicitada pelo Dr. César Valença, a pedido do Miguel, para incluir no trabalho «Braga: Dois Registos», trabalho que o próprio Vítor de Sá teve a oportunidade de ler e de comentar.

Da carta que acompanhava o texto:

Rio de Mouro, 18. V. 90

Dr. César Valença, Caro amigo e Colega

O seu amável convite que ontem, chagado do Porto, me veio às mãos, apanhou-me de maré. Foi um desafio à memória. Peguei na caneta e deixei deslizar sobre o papel: sem plano, sem preocupação estilística, a correr ao vento de tempos idos. (...)

a concretização de projectos pessoais

1989 - 2000

O texto

«A Braga da minha infância já pouco tem a ver com a cidade actual. Então era um pequeno núcleo urbano, sediado sobretudo no velho centro histórico, com algumas extensões mais alongadas, estas resultantes do prolongamento do eixo viário que radiava em múltiplas direcções: Porto, Barcelos, Ponte do Lima, Arcos de Valdevez, Chaves, Guimarães e Famalicão (pela Fábrica do Pelo, dizia-se então).

Essas extensões urbanizadas ao longo da saída das estradas davam à planta da cidade a forma de uma estrela. Via-se bem, por exemplo, do alto do Picoto. A impressão que me dava era a do campo a cercar a urbe, esta com as suas pontas radiais a exaurirem-se sob o impacto dos verdes florestais e campestres. As torres sineiras das igrejas destacavam-se como pontos mais elevados da malha urbana, além de duas ou três chaminés fabris para os lados de S. Vitor. A rua d'Água (eixo nuclear da que é hoje a imponente Avenida da Liberdade), parecia um fiozinho que, do Teatro Circo para baixo, interrompia os verdes das grandes quintas que floresciam à esquerda e à direita.

Quando cheguei à cidade, pelos meus oito anos, o transporte urbano por excelência era o carro eléctrico, em cruzamento de linhas: uma de Maximinos aos Peões, com seguimento até ao elevador do Bom Jesus, também ligava da estação ferroviária ao centro da cidade; outra, no eixo norte-sul, descia do Monte-d'Arcos à Ponte, seguindo pelas ruas de S. Vicente, Chãos, Praça da República (a Arcada como ponto de cruzamento de todas as linhas), e depois a estreita e comprida rua d'Água. Passavam mais ou menos de quarto em quarto de hora, de meia em meia para o Bom Jesus.

Ruas com algum movimento, ainda assim sonâmbulo, eram as que integravam o eixo Maximinos-Arcada, rua dos Capelistas e de S. Marcos, Chãos, S. Vicente. A de Camilo Castelo Branco e a de Santo André tinham menos movimento. Populares eram as de S. Vitor e D. Pedro V, Maximinos, Cónega e a dos Pelames, como também nas proximidades da igreja de S. Vicente e na rua de S. Domingos. Áreas onde se instalava a pobreza dos que trabalhavam e dos desempregados da indústria de chapalaria.

Já o Campo da Vinha e a Avenida Central eram mais espaços abertos do que praças públicas movimentadas. E as grandes ruas que há um século apontavam para o crescimento da urbe, mas eram apenas traçados, nessas era o ver se lá vem um. Refiro-me concretamente às ruas do Raio, Dom Bartolomeu dos Mártires (parte alta), D. Afonso Henriques, Santa Margarida, Gabriel Pereira de Castro. Comecei por morar numa dessas ruas, a de Santa Margarida, onde se instalava uma certa burguesia enriquecida no Brasil. O movimento era tão pouco que dava para acompanhar com o olhar o percurso demorado de cada passante. Assisti à construção do Seminário Conciliar, com pedra arrancada do sopé do Monte de Guadalupe, um belo logradouro. Havia uma zorra, cujos trilhos atravessavam a rua, e a extracção da pedreira deixou um grande buraco onde hoje estão edificadas os prédios que fazem esquina com a rua Luís de Camões. Os instantes de animação eram as horas de passagem para a escola (primária de S. Vitor) e para o Liceu (Sá de Miranda), ou então, em alternativa, os cortejos fúnebres, que se faziam a pé, às vezes mesmo sem acompanhamento, quando o enterramento era de pobres que iam numa carreta de rodas, fechada a panos e puxada a quatro homens (ou dois?). (Às vezes entreviam-se os pés descalços dos defuntos).

Como se vê, não são muito gostosas as lembranças da minha infância bracarense. Só quando das festas do Espírito Santo, S. João, Santa Marta e S. Bento da Porta Aberta é que a cidade era atravessada por grupos garridos de rurais que cantavam e dançavam.

Ou então uma por outra festa académica, e também corridas de touros, que as havia num campo dos Peões, que mais tarde serviu também de campo de futebol. Uma vez deu-se a fuga de um touro e foi o pânico na cidade. Veio a ser apanhado e abatido numa viela para os lados de Maximinos, isto é, no lado oposto da cidade. Creio mesmo que foi desde então que deixou de haver tauromaquia em Braga, cujas tradições remontavam pelo menos há um século (D. Miguel assistiu a uma corrida na praça do Município, da varanda do palácio de D. José de Bragança, hoje fachada da Biblioteca Pública). Carros de bois, charretes, cavalos e carros de mão foram meios de transporte vulgares na cidade e no seu centro até meados do século. A rede de esgotos e saneamento foi instalada em fins dos anos trinta. Lembro-me que os despejos acumulados nas residências só podiam fazer-se depois da meia-noite, e para isso eram contratados lavradores dos arredores, que vinham buscar o estrume em carros de bois e pipas velhas. Eram operações incómodas e de maus cheiros, que os vizinhos tinham de suportar.

Também me lembro, mas de um modo muito vago, de algumas récitas de teatro popular no Teatro Circo, uma espécie de reizeiros, ou em carros deambulatórios pela cidade, como ainda hoje acontece com o carro do Rei David no S. João. Mas as tradições de vida e animação da cidade, de que ouvia falar, nomeadamente as grandes revistas de teatro e os saraus dançantes do Ateneu Comercial, tudo isso foi desaparecendo à medida que eu crescia. Os anos de 1930 foram para Braga anos de solidão e tristeza, começados em 1929 com a falência abrupta do Banco do Minho. Depois vieram os anos de 1940 em que a cidade era atravessada às quintas-feiras por imensos cordões humanos, que eram os seminaristas vestidos de preto no seu passeio semanal. Desde os mais novos do seminário da rua de S. Domingos, aos do Montariol e do Espírito Santo, de São Tiago, São Barnabé e os do Conciliar da rua de Santa Margarida. Estes últimos distinguiam-se pela faixa policromada que traziam à cinta. Milhares de jovens que não tinham naquele tempo outra alternativa para a vida rude dos campos, donde geralmente provinham.

Nota dominante na Braga da minha infância foi também a tropa. Era uma cidade de brasileiros, seminaristas e militares. Além, claro, de comerciantes, senhorios de terras, e funcionários públicos. Os grandes regimentos de cavalaria e infantaria, além de outras unidades, quartel general, hospital militar.

E banda regimental, que aos domingos e quintas-feiras, no Verão, davam concerto público no coreto da Avenida Central.

Então a cidade estratificava-se: próximo do coreto, as pessoas bem, instaladas em cadeiras de lona; os bancos públicos de madeira eram aproveitados pelos pelintras com sorte; no passeio interior do lado norte passeava ainda a gente fina; do lado sul, os funcionários, empregados, pequenos comerciantes; ao centro brincavam as criancinhas; e nos passeios exteriores da Avenida, os que davam com menos luz, para as faixas

rodoviárias do Norte e do Sul, aí passeavam os mais modestos e envergonhados, os parentes pobres, uma ou outra criadilha transviada ou galuchos mais atrevidos.

Esse era o organigrama dos estratos sociais dominantes da Braga da minha juventude. O resto era povo, pó e moscas. Operários não eram sequer gente. Mas era uma cidade também de muitos e classificados contrastes.

À margem dessa estratificação, havia a juventude que namorava, as piedosas que acorriam aos templos, os toques dolentes (só às vezes festivos) dos sinos, as sirenes das fábricas e o fumo das chaminés, as saídas garridas das escolas, a soleníssima Quinta-Feira Santa, os escândalos conjugais (ou não), e o latim dos brácaros... enfim, uma linguagem ancestral da região.

Falei há pouco do palácio de D. José de Bragança, a velha residência arquiépiscopal, que sofreu um incêndio na segunda metade do século passado. Acabado de desocupar quando a República agasalhou o chefe da igreja bracarense na residência actual da rua de Santa Margarida, lembro-me desses espaços antes da restauração do grandioso edifício, ocorrida nos anos 30/40, para lá ser instalada a Biblioteca Pública e o Arquivo Distrital.

As edificações fronteiras ao Largo do Paço, que não tinham sido afectadas pelo incêndio oitocentista, eram então, nos anos 1920/1930, ocupadas pelo Quartel General, Distrito de Recrutamento Militar, Centro de Comunicações e, mais tarde, depósito de marcos miliários, tudo isto na ala poente. Na ala central era o Tribunal Civil. Recordo-me de ver réus a aguardar audiência, presos nas salinhas com grades de ferro laterais à escadaria que dá acesso ao salão nobre, onde o tribunal funcionava.

O quadrilátero fronteiro, que tem ao centro aquele riquíssimo chafariz, era ajardinado em formas geométricas que acolhiam também alguns marcos miliários e outras pedras posteriormente transferidas de lugar. Junto à rua havia um gradeamento alto, com dois portões também gradeados. Pelo do lado de baixo entravam e saíam diariamente as carroças que transportavam o lixo da cidade e o depositavam - sabem onde? Exactamente no interior do palácio, pelo lado de trás, junto das ruínas, no terreiro que hoje dá para o Salão Medieval. No andar superior vivia um militar com a sua família, o velho e honrado sargento Acácio que tinha duas filhinhas com quem brinquei. Recordo-me de muito mais tarde o ter encontrado já octogenário, mas ainda trabalhador e sempre bem disposto. Gente de boa raiz.

Esse foi, assim esquartejado, o palácio da minha infância. À fonte pública do palácio acorriam durante o dia mulheres e cachopas a encher o cântaro de água. Era também o quarto-de-hora para transmitir o jornal oral da vizinhança e traspicar namorados furtivos.

Palácio polivalente na tragédia do tempo, pode assim chamar-se esse que começou por ser sede arquiépiscopal, depois quartel general, tribunal criminal, aterro sanitário, depósito arqueológico, arquivo distrital, biblioteca pública, e agora a sede, aliás muito digna, da Universidade do Minho. O eixo à volta do qual, portanto, girou a lúgubre cidade dos anos de 1930 até à juvenil urbe actual que rompeu com as malhas e os escolhos da sua ancestralidade, agora com raízes para o futuro.»

V. S. A. A.

3. A «exposição» como encontro de saberes

O amadurecimento das actividades traz consigo a relação dos saberes, a vontade de andar com outros, a mistura de pontos de vista, a contaminação das poéticas. Miguel Louro entrou numa fase em que a exposição *tout court*, isolada numa sala, ganha outros sentidos se for associada à conferência, ao debate de ideias, à mistura com outras linguagens. O movimento já vinha de trás, mas ganhou mais autonomia.

Foi o caso da organização e direcção da Exposição de Fotografias - «O Bom Jesus Contemporâneo», no Bom Jesus, em Julho e Agosto, organização conjunta do Museu Nogueira da Silva e da SOPETE, Hotéis do Bom Jesus, com a participação dos fotógrafos João Paulo Sotto Mayor, Manuel Miranda, Manuel Valente Alves e ele próprio. O próprio cartaz fazia-se sintoma desta perspectiva: fora concebido pelo arquitecto Jean Pierre Porcher e consistira numa intervenção gráfica sobre uma fotografia de Miguel Louro; anunciava a série de eventos: fotografia, pintura, música, seguida da série de autores e intervenientes: Manuel Carneiro, João Paulo Sotto Mayor, Manuel Miranda, Miguel Louro, Valente Alves, Francisco José Simões, Vieira da Silva, Nova Filarmonia Portuguesa, Fototeca do Museu Nogueira da Silva, Universidade do Minho.

«O que era o Bom Jesus há cem anos e o que é hoje, é uma comparação possível graças a uma exposição de fotografias que vai ser promovida pela Fototeca do Museu Nogueira da Silva, no âmbito do 2º aniversário da reabertura do Hotel do Parque, nesta estância. (...)

A organização da exposição está a cargo de Miguel Louro, membro do Conselho Permanente do Museu Nogueira da Silva e do certame, que é inaugurado com conferências do cônego Manuel Azereido e do Professor Doutor Aurélio Oliveira, e resultará na edição de doze postais com pitorescas imagens do Bom Jesus antigo e outros tantos ilustrando-o na actualidade.» - Noticiou o Correio do Minho, de 13 de Junho de 1989.

Sobre as fotografias desta exposição «Braga – O Bom Jesus do Monte», que José Machado sintetizou em «Quatro modalidades de ir, outras quatro de lembrar: Visitar/Recriar; Vaguear/Evocar, Demorar/Assistir, Seduzir/ Reviver» transcreve-se a prosa sobre a participação de Miguel Louro: Seduzir/Reviver:

«Do alto se vê um baixo, artificialmente ampliado, para melhor se saber de onde se trouxe um pretexto de a nada vir cá em cima... a menos que do bosque surja uma sombra fugidia, ou detrás das rochas apareça a razão de as fontes serem sempre frescas, ou a menos que de entre as flores se veja um sitio de sossegado amor. Se este for o espaço da aventura, es estátuas de pedra acabarão por sabê-lo, personagens que são de um calvário partilhado, sempre de tardia aceitação, antecedido que foi da festa e da orgia. Se este for o espaço do apelo à loucura amorosa, seja ela fantasiada transgressão ou voluntária repetição de gestos púdicos, as pombas hão-de aceltar poisá-lo e dele erguer um voo breve, instante imagem de momentos que a saudade contará serem tão poucos. Se este for o cenário apetecido de uma história tão comum, os passos das escadas revelá-lo-ão. Aqui se voltará para dizer de outra maneira como foi a vez primeira de todas as que depois se desejaram. Aqui se guardarão os lugares e as esquinas de maior sentido, insignificantes que sejam para outros. Aqui se virá dar conta dos anos que ao olhar ensinam a nunca ver igual o que mais vezes se procura. Entre o cimo e o baixo, em ritmo lento ou célere se

figura a vida, que a uns subir parece mais liberto que descer, mas este a outros é mais calmo. Ao alto se vai e de lá, por se ter visto, se ganha a ideia de querer de tudo ser senhor, ilusão que há-de ficar presa de engenhosa maquineta, marca permanente do lugar.» - José Machado, Maio, 1989.

No seguimento desta exposição, Miguel Louro preparou a edição de duas colecções de postais sobre o Bom Jesus, uma para o Museu Nogueira da Silva com fotografias de Manuel Carneiro, e outra para os Hotéis do Bom Jesus, com trabalhos dos 4 dos fotógrafos convidados.

Na qualidade de membro do Conselho Permanente do Museu Nogueira da Silva, promoveu a exposição John Anthony - *Peoples of The Nkalaany*, num trabalho de animação que confirmava os objectivos que se propusera levar a cabo na AFCA.

1990

- Dado «o excelente nível artístico demonstrado noutros certames» foi convidado a participar na Bienal Internacional de Fotografia de Vila Nova de Gaia.
- Marcou também presença em Cartagena 90, na XIX Semana de Cine Naval y del Mar, cuja temática era precisamente «El Mar y su entorno».

1991

Voltou a visitar os XXII *Rencontres Internationales de la Photographie*, em Arles.

Miguel Louro está representado na colecção de arte da Ordem dos Médicos do Porto, tendo colaborado numa exposição de promoção da candidatura a Bastonário do Professor Doutor Machado Macedo.

Mais uma vez, no contexto dos Encontros de Coimbra, contactou com o fotógrafo Andreas Muller-Pohle, um dos autores em exposição nos encontros, contacto este que se aprofundou numa "boleia" para o Porto e que resultou na subscrição, pelo Miguel, da revista que o Muller-Pohle dirigia, *European Photography*, mas, mais do que isso, no empurrão decisivo para a adopção de uma nova perspectiva estética sobre a fotografia, a do experimentalismo abstraccionista, numa procura mais radical de intervenções estéticas. Esta "boleia" esteve de alguma forma na génese da série *manipulata*.

1992

Em Abril, Miguel Louro participou na I Exposição «A Arte e o Médico», em Vila Nova de Gaia, organizada pela Direcção dos Centros de Saúde e a Autoridade Sanitária deste concelho.

Fez a colecção de fotografias, para capa e ilustração da obra, de *Casas Armonizadas do Concelho de Arcos de Valdevez*, vol. II, Ed. Da CMAV, 1992.

Neste ano, a sua correspondência de Boas-Festas foi à base das fotografias do Bom Jesus, recurso que fica bem a um fotógrafo, não só para divulgar a sua obra, mas acima de tudo para interessar os olhares pela fotografia.

1993

Fez as fotografias para o prospecto publicitário da colecção Primavera-Verão 1993, da MENSHP.

Participou como formador e conferencista no programa de formação fotográfica da responsabilidade de Jorge Viana Basto, organizado no Centro de Fotografia dos Serviços do Porto do Instituto da Juventude, em 1993/94.

1994

13ª exposição individual: série manipulata

Esta *Série Manipulata* (intervenção do modelo sobre as fotografias), que Mário Dias Ramos considerou «um erotismo de contrapartidas», pretendeu ser um trabalho diferente dos anteriores, ainda que alicerçado em experiências e aprendizagens já ensaiadas. Foi inaugurada na galeria 1.3.5. de 7 a 30 de Maio. A notícia do encerramento da exposição nesta galeria fazia acompanhar algumas fotos com poemas de Mário Dias Ramos e lembrava aos leitores que este projecto de Miguel Louro já vinha de longe, mas só agora fora possível concretizá-lo.

Lembrei-me de usar uma técnica que, ao fim e ao cabo, vem do início da fotografia, já que a primeira fotografia a cores não foi outra coisa senão a coloração manual de uma fotografia a preto e branco. Por que não voltar a esta ideia inicial? Por que não entregar ao modelo, neste caso alguém com sensibilidade e com preparação técnica, a criação da própria coloração da foto?

Este trabalho de Miguel Louro mexeu com os gostos do público, foi elogiado e vituperado, em extremos de críticas emocionadas e esteticamente comprometidas, críticas que ao fim e ao cabo revelaram a existência de inextrincáveis laços entre a fotografia e as ideologias, provando que não há olhares isentos, que onde um sujeito descobre talento, logo outro aponta a 'manipulação' inconsciente do material produzido. Mário Dias Ramos, num texto motivador a que deu o título: «Um erotismo de contrapartidas», pressentiu as reacções do público e desejou mesmo que este trabalho «agitasse os espíritos adormecidos e perplexos». Escreveu ele:

«Consta que um daguerreótipo anónimo de 1843 exhibe, em medalhão, um homem e uma mulher coloridos posteriormente à mão. A informação é-nos dada por Roland Barthes no seu livro 'La Chambre Claire?', Éditions Gallimard, Paris, 1980.

Cento e cinquenta anos depois, Miguel Louro, na sua «Série Manipulata», convida a mulher que lhe serviu de modelo para, posteriormente, pintar sobre as fotos do Artista, as zonas do seu próprio corpo – manipulare, isto é, preparar com as mãos um produto aqui prefigurado pela fotografia de um corpo de mulher nua.

Cumplicidade entre fotógrafo e modelo? Mas uma cumplicidade repartida, sim, entre a máquina do Artista e a mão do objecto fotografado – a mulher nua. Por outras palavras, a anatomia no anfiteatro: os olhos que retêm o corpo, as mãos que o manipulam, um corpo revisitado, um erotismo de contrapartidas. Há aqui uma conjura. E há aqui um exorcismo. A conjura está nas mãos que manipulam a máquina; o exorcismo nas mãos dos dois, fotógrafo e modelo. Corpo duplamente acariciado (ou agredido?), não importa, pelo fotógrafo que, depois, oferece ao modelo o seu próprio corpo para que este, por sua vez, o decore assinalando-lhe o 'punctum', isto é, o pormenor. E é aqui que

reside a essência dessa «Série Manipulata».

Este notabilíssimo trabalho de Miguel Louro é um poema de alquimista.

Confirmando a maioridade de uma arte fotográfica dissecada, esteticamente controlada, um trabalho para agitar os espíritos adormecidos. E perplexos. É o que é preciso.»

Neste ano, Miguel Louro fez a colecção de fotografias, incluindo as reproduções, para o livro de Eduardo Pires de Oliveira, *O Edifício do Convento do Salvador - de Mosteiro de Freiras ao Lar Conde de Agrolongo*, Braga, 1994.

Em 1994, um grupo de pessoas interessadas na fotografia avançou com a ideia de organizar um clube, mas a coisa deu em nada.

1995

A *Série Manipulata* (intervenção do modelo sobre as fotografias) foi exposta, em 31 de Março, na Galeria do Monumental Casino da Póvoa de Varzim e foi depois inaugurada no Clube Artes 50, em Lisboa, de 30 de Junho a 30 de Julho.

A fotografia de Mário Dias Ramos no jornal *Correio do Minho*, em Maio de 1995, foi obra do Miguel.

1996

Aqui se deixa um voto de louvor à iniciativa e à prossecução dos Encontros da Imagem - 10 anos - 1986/1996.

«A fotografia (em especial aquela que se considera como arte), manifesta de múltiplas formas a sua chegada ao mundo da ficção, as quais são tanto rupturas com a ordem prévia, como experimentação sobre limites. O mero registo de uma cena, de um objecto ou de uma paisagem, deixou de ser a regra»- André Rouillé, no livro-guia das exposições dos encontros.

Participou na exposição de fotografia e pintura de médicos artistas, na Casa dos Crivos, em Braga, de 22 de Junho a 4 de Julho, organizada pela secção distrital de Braga da Ordem dos Médicos. Fez a fotografia da capa da revista da Câmara Municipal de Braga, n.º 6, Dez/Fev, 1995/96, que assinala os 20 anos de actividade do executivo presidido pelo senhor engenheiro Mesquita Machado.

Fez as fotografias para o livro de Maria Adelaide Valente, *O Sorriso do Anjo*, Ed. APPACDM, Braga, 1996.

1997

14ª exposição individual: texturas

Teve lugar no salão da Associação Comercial de Braga, com entrada pela Rua do Souto e transparência total para a Praça do Município. Fez-se a exposição e lançou-se um livro singular, uma *plquette*, como lhe chamou o autor, Miguel Louro, ou conjunto de *Seis poemas com destino* de Mário Dias Ramos inscritos sobre as *texturas* do fotógrafo, algumas delas coloridas pelo processo de «viragem», técnica que o autor aprendeu por si e pelos livros e que consiste na re-oxidação dos sais de prata por outras substâncias químicas que dão a cor. Os poemas ficaram a ler-se sobre uma textura de escrita e o livro aparelhou-se com fio vermelho, no seguimento da própria linha do destino. Foi obra de

Miguel Louro, exercício criativo que selou uma amizade com Mário Dias Ramos. Há encontros felizes!

A abertura da exposição foi *sui generis*, e não só pela presença de autoridades civis e eclesiásticas, ou de um número elevado de amigos e de *compagnons de route*. O autor dos poemas foi apresentado por João Velhote. Os trabalhos do fotógrafo foram analisados por José Machado. A cerimónia inaugural contou ainda com a intervenção musical de Gustavo Brandão e a leitura dos poemas de Mário Dias Ramos por Braga Amaral.

Do texto de José Machado, para uma compreensão de alguns sentidos de *Texturas*:

«Mas como procurar então os sentidos e que sentidos procurar? Contemos uma história, a mesma: no princípio era a escolha assumida do preto e do branco, ou seja, era a aceitação do poder da luz que, reflectindo nas coisas e entrando em uma curiosa máquina as recriava, agora em uma texturada película de papel preparado, segundo as ordens e disposições de um sujeito em viagem e devaneio por lugares de curiosidade múltipla, feito também revelador e impressor da sua própria obra. O resultado foi este, o de vermos agora em correria de olhar, na horizontalidade mais propositadamente monótona, uma série de evocações de coisas e de estados de espírito, em ritmo de diversidade, que se fulguraram aos olhos e às experiências fotográficas do sujeito viajante como possuidores de um grau elevado de beleza, aqui sempre entendida como bem estar perante o objecto fotografado.

E donde vem este bem estar ou olhar tranquilo? Onde sossegam meus olhos? Sossegam na voragem de ver. De ver, guiado pela força narrativa das linhas, das nervuras, das margens, das manchas, dos tamanhos, das transparências e das reflexões, das fracturas, dos sulcos, das espessuras, das parecenças e das analogias, das assimetrias e dos contrastes, que as coisas fotografadas possuem. Entrando em diálogo com o acaso - como se conversássemos também com o tecto do mundo, para me valer de Saramago em Todos os Nomes - poderíamos tomar a pergunta: que viu nesta tão natural quanto involuntária disposição das coisas, que viu nestas marcas e combinações do tempo, que viu aqui o fotógrafo que o tenha surpreendido tanto? Que vermos nós, afinal? Viu, antes de mais, um bom remédio para as horas de tédio e para os males ou enxaquecas do mundo, tomou para si mesmo o sentido da terapia que se inscreve na contemplação, viu para dentro e para fora de si a força indutora das palavras que faltam.

Em tempo de conflitos e de derrapagens ecológicas, em tempo de emergência de primitivismos culturais e de empréstimos obrigatoristas ou de trocas livres de toda a espécie de parafernália, importam estes gestos de procura de momentos íntimos. Retirar do quotidiano das experiências aquelas que fixam os momentos ou instantes da relação da pessoa com as coisas, descobrindo nelas superfícies de contacto, de contacto táctil, visual, cinético, mas também simbólico, é tarefa de testemunho, congratulante q. b. para nossa própria estima.

Remontaremos, na história da fotografia, tão recheada de "poetas armados de um aparelho fotográfico", a Alfred Stieglitz (1864-1946) no período de 1900 a 1920, cujas fotografias da natureza procurava que correspondessem a estados de alma, e por isso as nomeava de "equivalências"; mas também deveremos citar Edward Weston (1886-1958), no período de 1920 a 1940, que

fotografou as texturas e as variações das formas; ou citaremos Ansel Adams, ou Minor White, de 1940 a 1960, pois para este último o trabalho do fotógrafo deveria ser o de "transcender o tangível para atingir o intangível", transformando-se assim o objecto fotografado em metáfora de outra coisa (as equivalências metafóricas... na sequência de Stiglitz): "as formas e as texturas dos objectos sobre os quais incidiu a sua objectiva não são de facto senão metáforas de um clima particular, duma dada emoção" (219), assim escreveu um crítico sobre a sua obra. (Vid: *Les Grands Photographes, 1840-1960*, (3ª ed. Francesa) 1976, *Time-Life International (Nederland) B.V.*)

Não estamos perante um trabalho de conceptualização e de argumentação fotográficas de fundo, em torno de um sentido para a estetização do quotidiano, mas estamos perante um trabalho de enchimento discreto dos vazios da rotina do olhar, sobretudo na frequência deste tempo ser muito de passar, ver e nada sentir, enchimento esse que se faz com gestos mínimos da fixação das superfícies, no sentido de as tornar parceiras de outra superfície, a pele física com que nos apresentamos uns aos outros. Tal como Gabriela Llansol descobriu cheios de narratividade os objectos, os lugares, as atmosferas e os sítios da casa, descobrindo-lhes a densidade cultural e patrimonial na criação e educação dos sentidos que cada personagem transporta consigo. (Vd. *Um beijo dado mais tarde*, Edições Rolim, 1990) - José Machado, Braga, 1997.

1998

Série Manipulata - exposição no Salão Cuvarubias do Teatro Nacional de Cuba, em Havana. Tratou-se da inauguração da sua primeira grande exposição temática internacional. A cerimónia inaugural teve a presença do Embaixador de Portugal em Cuba, de representantes das entidades locais, dos órgãos de comunicação social, de individualidades do mundo das artes e do teatro, do Corpo Diplomático. A mostra, que teve o apoio da Embaixada de Portugal em Havana, despertou grande interesse junto dos meios culturais e artísticos cubanos, que elogiaram a qualidade e ineditismo das obras apresentadas.

Participou com «Série Manipulata» na 1ª Exposição de Artes Plásticas levada a cabo pela Direcção do Centro de Saúde de Esposende, de 10 a 30 de Outubro. Tal evento, segundo a organização, visava «aproximar o centro de saúde à comunidade, proporcionar um encontro entre os profissionais de saúde e promover os seus próprios artistas».

1999

Lançamento público da reedição do romance de Mário Dias Ramos, *O Logro*, editora Dafnis, Lisboa, 1999, com fotografias de Miguel Louro, seleccionadas de «Texturas», no Museu Nogueira da Silva, em Braga, no dia 6 de Novembro. Sobre a escolha destas fotografias, José Machado fez uma aproximação:

«Provenientes de um anterior trabalho, cuja exposição pública ocorreu em 1997, e depois de algumas terem sido reinvestidas na edição de uma plaquette com *Seis Poemas com Destino*, também do mesmo autor, as texturas de Miguel Louro voltam a ser mobilizadas, agora para o romance de Mário Dias Ramos, *O Logro*. É caso para perguntar: o que faz o fotógrafo na casa do escritor?

Se no primeiro trabalho o fotógrafo se dispôs a fornecer aos poemas delicadas folhas diferenciadamente texturadas, jogando forte numa relação de fixação da escrita a lugares já possuídos, neste trabalho o fotógrafo aceitou ocupar algumas margens de gozo intervalar (sempre na página à direita) numa narrativa de complexa densidade verbal. Ou seja, desta vez, o fotógrafo jogou forte numa relação de potenciação do prazer do texto.

A fotografia permite não só a captação de texturas, como a sua própria produção, já que estabelece na horizontalidade da superfície impressa a marcação simultânea das diversas camadas que se interpõem com a objectiva. Este poder de criação permite a captação de texturas para realidades que fisicamente a não possuem, como a velocidade, a calma, o prazer, o nojo, a ansiedade, o conflito, a surpresa, o abismo. Digamos que as fotografias se disponibilizam como campos semânticos, a explorar pelo leitor depois de lhes passar rente com o texto, quer deixando-se seduzir pelo seu poder de ampliação dos conflitos narrados, quer deixando-se desviar pela sua força centrífuga, o que o pode conduzir à representação de lugares ou de momentos porventura excessivos, mas complementares, da ficção.

Estas texturas funcionam como «écrans» cinematográficos, como paisagens da memória, mas também como fio narrativo, possuindo até uma autonomia própria que a própria narrativa se encarrega de satisfazer sem esgotar (são constructos metafóricos e alegóricos, mas dotados de acção própria). Repare-se e viaje-se, desde a capa até à p. 123: há uma porta misteriosa que se abre, um percurso que se faz com o corpo e pelo corpo, um ganho de sedução e de velocidade, uma atracção pelo abismo. O ponto final, que requer a subjugação física do livro, para se realizar plenamente, é o eclipse solar completo, mas é também o ponto mínimo de passagem para o outro lado de qualquer vida. Na celebração dos seus vinte e cinco anos de produção fotográfica, este trabalho de Miguel Louro fica a comprovar também a sua capacidade de contar histórias, como se ele próprio também pudesse ter sido o narrador: «...aqui, frente ao mar de cor surrada pelos temporais que há dias assolaram a costa, medito em quanto tenho sido obrigado a ver, sentir e pensar. (p. 18)».

2000

As viagens são indutoras de projectos. Se já foram aquelas que se fazem em redor do próprio quarto, como é agora o caso desta retrospectiva de 25 anos, são-no mais aquelas que se fazem em redor de outros territórios, no interior de espaços outros que não os nossos. Miguel Louro já viajou bastantes vezes e com certeza voltará a fazê-lo no futuro com mais frequência. O tempo nos dirá o que viu tudo aquilo em que reparou, com o auxílio da sua máquina pendurada no pescoço. O fotógrafo faz-se recolector de primeiras impressões, que depois trabalhará como segundas, terceiras, múltiplas percepções e expressões do seu modo de ver. Na colectânea que assinala os 25 anos de trabalho do fotógrafo como amador, são já visíveis alguns trabalhos próximos, agora sugeridos, e que logo mais hão-de ser estruturados.

Da viagem ao Canadá, por exemplo, resultou uma recolha intensa de situações, de momentos, de pormenores, de rostos, de casas, casos e coisas, enfim, de "estados de alma", que servirão o fundamento de uma exposição próxima – oxalá na

própria Embaixada Portuguesa em Toronto, para onde já enviou provas – sobre os emigrantes portugueses naquelas paragens do continente americano.

De outras paragens e do nosso mesmo espaço matricial hão-de vir a lume, breve, as provas que concretizam a nossa ideia de "assento" num trabalho de visualização paradigmática deste campo lexical, "coisa" tão diferentemente configurável por quem viaja e por quem permanece.

Será também para um tempo próximo o desenvolvimento desta peregrina ideia na história da fotografia, a de o fotógrafo fotografar o outro que fotografa, numa reposição da gestualidade do poder inerente à arte fotográfica – alguém nos vê a ver outros a ver –, no pressuposto de que atrás de uma máquina está outra máquina e outra ainda e outra, e essa última poderá ser aquela que tudo vê!

a continuar...

Para quem teve a paciência de ler o currículo do Miguel Louro, é justo que se lhe acrescente agora a última companhia de ideias antes de o deixar fechar o livro.

As conclusões, neste caso, estão tiradas: a suivre, ou seja, continua...

Não lhe faltam projectos, não lhe falta mundo, não lhe minguaram os recursos, talvez só o consuma o velho e relho problema da disponibilidade...

O fotógrafo é um predador, vive e sobrevive da captação, da caça. Neste sentido, o fotógrafo requisita para o seu desempenho os instintos da espécie, fazendo emergi-los de si próprio num movimento sempre de oposição aos recalcamientos sociais e às tendências civilizacionais que apelam à recepção passiva da informação.

O fotógrafo faz o seu caminho fotografando, poderá ser outra máxima, reconvertida, com justa aplicação ao percurso de Miguel Louro.

Sendo assim, e porque a fotografia interiorizou no seu percurso histórico todo o vocabulário humano da sobrevivência instintiva e calculada – sensibilidade, instante, objectivo, objectiva, mira, olhar, foco, captura, espera, fixação, ensaio, tentativa, tirar, disparar, conservar, revelar, conseguir, manipular, truques, técnicas, ilusão, obsessão, exposição... – o futuro requererá a Miguel Louro mais obras e mais propostas de desafio.

De um fotógrafo estamos sempre à espera que nos mostre, que nos faça ver ou rever, que nos alimente de imagens, que nos surpreenda.

O fotógrafo é um sujeito criador, síntese que reassume o instinto e a construção como dimensões da obra, mas que a perspectiva num horizonte de sentido, numa abertura de significação, numa intervenção sobre o consenso social, sobre o Mundo.

J. P. Paredes

